

5. O Método Comparativo e a Reconstrução Linguística

Texto traduzido e adaptado do capítulo 5 de Lyle CAMPBELL (1999. 3ª. impressão, 2001), *Historical Linguistics: an Introduction*. Cambridge, MASS: MIT Press, pp. 108-162. [1ª. edição, 1998, Edinburgh: Edinburgh University Press].

Linguistic history is basically the darkest of the dark arts, the only means to conjure up the ghosts of vanished centuries. With linguistic history we reach furthest back into the mystery: humankind. (Cola Minis, 1952: 107 [*Euphorion* 46])

5.1. Introdução

O método comparativo é central para a linguística histórica, o mais importante dos diversos métodos e técnicas que utilizamos para recuperar a história linguística. Neste capítulo, o método comparativo é explicado, suas pressuposições básicas e suas limitações são consideradas, e seus diversos usos são demonstrados. A ênfase principal é em aprender como aplicar esse método, ou seja, em como reconstruir. O método comparativo é importante também na classificação linguística, na pré-história linguística, na pesquisa de relações genéticas distantes e em outras áreas; esses tópicos são tratados em capítulos posteriores.

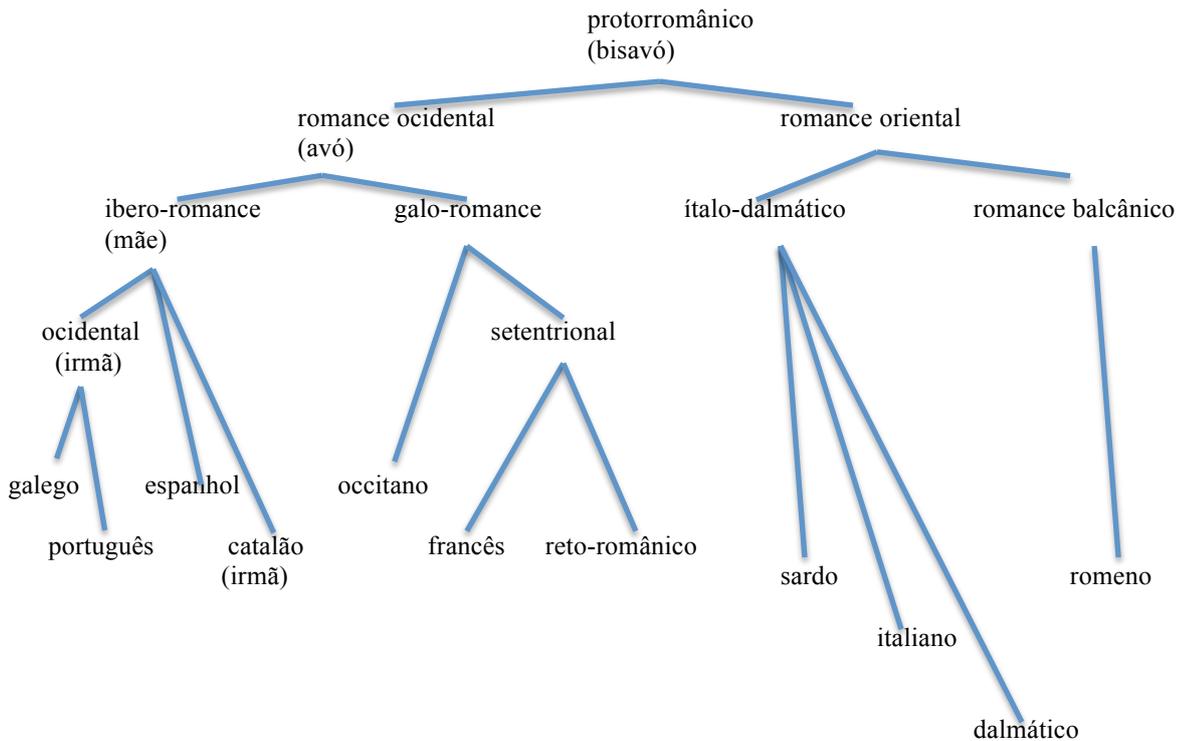
Costumamos dizer que as línguas que pertencem à mesma família linguística são **aparentadas geneticamente**. Isso significa que essas línguas aparentadas derivam de (quer dizer, “descendem” de) uma única língua original, denominada uma **protolíngua**. Com o tempo, dialetos da protolíngua se desenvolvem por meio de mudanças linguísticas em regiões diferentes em que a língua foi falada – todas as línguas (e variedades linguísticas) mudam constantemente – e, mais tarde, por ainda outras mudanças, os dialetos se tornam línguas diferentes.

O objetivo da reconstrução mediante o método comparativo é de recuperar o máximo possível da língua ancestral (a protolíngua) por uma comparação das línguas descendentes e para identificar quais mudanças ocorreram nas diversas línguas que se desenvolveram da protolíngua. O trabalho de reconstrução tipicamente começa com a fonologia, numa tentativa de reconstruir o sistema fonológico; isso conduz, por sua vez, à reconstrução do vocabulário e da gramática da

protolíngua. Como se vê da maneira em que as línguas são classificadas, falamos das relações linguísticas em termos de parentesco: falamos de “línguas irmãs”, “línguas filhas”, “línguas progenitoras” e “famílias linguísticas”. Se a reconstrução é bem-sucedida, a técnica mostra que a pressuposição de que as línguas são aparentadas é justificada (vide o capítulo 6 para a classificação genealógica e o capítulo 13 para métodos de identificar se línguas são parentes).

Com a analogia da árvore genealógica da sua família em mente, percebemos como as línguas neolatinas modernas descenderam do latim falado (melhor, do protorromânico, que é reconstruído pelo método comparativo), exemplificadas na árvore genealógica das línguas românicas na Figura 5.1. (Os termos de parentesco biológico acrescentados aqui abaixo dos nomes das línguas na Figura 5.1 são meramente um artifício para explicitar a linhagem das línguas; neste caso o enfoque é no espanhol. Certamente não se trata de uma prática convencional nas árvores genealógicas linguísticas).

Ao comparar o que essas línguas irmãs herdaram da sua antecessora, tentamos reconstruir os traços linguísticos que o protorromance possuiu. (O protorromance equivale à língua falada no período em que o latim começou a se diversificar e se dividir nos seus ramos descendentes, sendo essencialmente igual ao latim vulgar a esse tempo. O “vulgar” do latim vulgar significa “do povo”.) Se tivermos sucesso, o que reconstruiremos para o protorromance pelo método comparativo deveria ser semelhante ao que foi falado, de fato, na época, antes que se separasse nas suas línguas filhas. Obviamente, nosso sucesso depende da medida em que evidências dos traços originais sejam preservadas nas línguas descendentes (línguas filhas) que comparamos e de quão perspicazes formos em aplicar as técnicas do método comparativo, entre outras coisas. Nesse caso, já que o latim está documentado abundantemente, podemos verificar se o que reconstruímos pelo método comparativo se assemelha corretamente ao latim falado que conhecemos das fontes escritas. Contudo, a possibilidade de verificar as nossas reconstruções dessa maneira não está disponível para a maioria das famílias linguísticas, para cujas protolínguas não possuímos nenhum registro escrito. Por exemplo, para o protogermânico (de que o inglês descende), não existe nenhuma atestação escrita, e a língua é conhecida apenas graças à reconstrução comparativa.



(*apud* Fleischman, 1992: 339)

Figura 5.1: A árvore genealógica do protorromance (e a linhagem do espanhol).

Todas as línguas existentes atualmente que têm parentes possuem uma história que as classifica em famílias linguísticas. Por meio de aplicarmos o método comparativo a línguas aparentadas, podemos conjecturar como o antecessor comum era – podemos reconstruir essa língua. Assim, ao comparar o inglês com seus parentes, o holandês, o frísio, o alemão, o dinamarquês, o sueco, o islandês e assim adiante, procuramos saber como era a protolíngua – neste caso chamado o protogermânico. Portanto, o inglês é, efetivamente, um “dialeto” bastante modificado do protogermânico, tendo sofrido mudanças linguísticas sucessivas, as quais o fizeram o que é hoje, ou seja, uma língua diferente do sueco, do alemão e de todas suas demais irmãs, que passaram por suas próprias mudanças. Consequentemente, cada protolíngua foi uma vez uma língua real, independentemente do fato de termos sucesso em reconstruí-la.

5.2. O método comparativo de perto

De modo a exemplificarmos a aplicação do método comparativo, começemos aplicando-o rapidamente, de uma maneira simplificada, a algumas línguas românicas. (Existem muitas outras línguas românicas, mas, para nossos fins ilustrativos, esta introdução muito reduzida é limitada a algumas poucas das mais conhecidas línguas da família.) Primeiro, considere alguns dados, as

palavras comparadas entre as línguas neolatinas que apresentamos na tabela 5.1. (A primeira linha dá a forma ortográfica convencional; a segunda contém uma representação fonêmica.)

Tabela 5.1: alguns conjuntos cognatos românicos.

	italiano	espanhol	português	francês	(latim)
1	<i>capra</i>	<i>cabra</i>	<i>cabra</i>	<i>chèvre</i>	<i>capra, capram</i>
	/ˈkapa/	/ˈkabra/	/ˈkabra/	/ʃɛvr(ə)/	/ˈkapa/
2	<i>caro</i>	<i>caro</i>	<i>caro</i>	<i>cher</i>	<i>carus, carum</i>
	/ˈkaro/	/ˈkaro/	/ˈkaro/	/ʃɛr/	/ˈkaru/
3	<i>capo</i>	<i>cabo</i>	<i>cabo</i>	<i>chef</i>	<i>caput, capitem</i>
	/ˈkapo/	/ˈkabo/	/ˈkabo/	/ʃɛf/	/ˈkapu-/, /ˈkapite/
4	<i>carne</i>	<i>carne</i>	<i>carne</i>	<i>chair</i>	<i>carō, carnem</i>
	/ˈkarne/	/ˈkarne/	/ˈkaRne/	/ʃɛr/ (cf., fr. ant., <i>charn</i> /ʃarn/)	/ˈkaro:/ /ˈkarne/
5	<i>cane</i>	<i>can</i> (arc.)	<i>cão</i>	<i>chien</i>	<i>canis, canem</i>
	/ˈkane/	/kan/	/kãw/	/ʃjɛ̃/	/ˈkane/

O latim não é uma língua românica. As formas latinas na tabela 5.1 são exibidas apenas para que possamos verificar as reconstruções que postulamos para o protorromance, de modo a confirmarmos o grau de proximidade que atingimos quanto às formas na protolíngua falada real, que era, nos pontos essenciais, igual ao latim, neste caso.

Para compreendermos o método comparativo e podermos saber aplicá-lo, é preciso que dominemos alguns conceitos e termos técnicos:

Protolíngua: (1) a língua ancestral falada antigamente da qual as línguas filhas descendem;

(2) a língua reconstruída pelo método comparativo e que representa a língua ancestral da qual as línguas comparadas descendem.

(Na medida em que a reconstrução pelo M.C. seja correta e completa, (1) e (2) deveriam coincidir).

Língua irmã: as línguas que são aparentadas, em virtude de descenderem da mesma antecessora comum (protolíngua), são irmãs; ou seja, as línguas que pertencem à mesma família são irmãs.

Cognato: uma palavra (ou um morfema) que é aparentada a uma palavra (ou a um morfema) nas línguas irmãs, por essas formas terem sido herdadas por essas línguas irmãs a partir de uma palavra (ou morfema) comum da protolíngua, da qual as línguas irmãs descendem.

Conjunto cognato: o conjunto de palavras ou morfemas que são aparentadas pelas línguas irmãs, porque se tratam de formas herdadas e descendem de uma única palavra (ou morfema) da protolíngua.

Método comparativo: um método (ou uma série de procedimentos) que compara(m) formas de línguas aparentadas, *cognatos*, que descenderam de uma língua ancestral comum (a *protolíngua*), a fim de postular, ou seja, para *reconstruir*, a forma na língua ancestral.

Correspondência fonológica sistemática (também conhecida como **conjunto de correspondência**): efetivamente, um conjunto de sons “cognatos”. Isto é, os sons constatados nas palavras aparentadas dos conjuntos cognatos, que se correspondem de uma língua aparentada a outra, porque descendem de um único som ancestral comum. (Pressupõe-se que uma correspondência fonológica se repita em diversos conjuntos cognatos).

Reflexo: o descendente numa língua filha de um som da protolíngua se diz ser o *reflexo* desse som ancestral. Diz-se que o som original é refletido pelo som que dele descenda numa língua filha.

Para facilitar a descrição, apresentaremos a aplicação do método comparativo em várias “etapas”. A rigor, contudo, não é sempre necessário que sigamos todos os estágios na sequência exata, tal como serão descritos aqui. Na prática, o linguista comparativista tipicamente oscila entre essas etapas.

Etapa 1: reunir os cognatos

Para iniciar a aplicação do M.C., procuramos eventuais cognatos entre línguas aparentadas (ou entre línguas pelas quais existem motivos de suspeitar seu parentesco) e listá-los conforme algum arranjo ordenado (em linhas ou colunas). Na tabela 5.1, esse primeiro passo já foi realizado para você quanto aos poucos cognatos românicos considerados neste exercício. Em geral, é conveniente começar com os cognatos do “vocabulário básico” (partes do corpo, termos de parentesco próximo, números inferiores, termos geográficos comuns, entre outros), pois esses itens vocabulares tendem a resistir a serem tomados emprestados, mais do que outros tipos de vocabulário, e para o método comparativo queremos comparar apenas cognatos verdadeiros, palavras que são aparentadas nas línguas filhas em virtude delas serem herdadas da protolíngua. Para realizarmos uma reconstrução bem-sucedida, precisamos eliminar todos os demais conjuntos de vocábulos parecidos cuja presença não é devida à herança de um antecessor comum, como, por exemplo, os conjuntos que exibem semelhanças entre as línguas pelos empréstimos, pela chance (coincidência) e assim por diante (para mais detalhes, vide o capítulo 13). Em última análise, são as correspondências

sistemáticas que descobriremos pelo método comparativo (nos estágios a seguir) que demonstram os cognatos verdadeiros.

Etapa 2: identificar as correspondências fonológicas

A seguir, tentamos identificar as correspondências fonológicas. Por exemplo, nas palavras que significam “cabra” no conjunto cognato 1, na Tabela 5.1, o primeiro som em cada língua corresponde conforme a maneira descrita na definição *correspondência sonora 1* acima (neste ponto focamo-nos na representação fonológica [[e, às vezes, levamos a forma fonética em consideração também]], e a representação ortográfica convencional não nos interessa):

Correspondência sonora 1:

Italiano, *k-* : espanhol, *k-* : português *k-* : francês, *f-*

Observe que os linguistas históricos se servem muitas vezes da convenção de um hífen depois de um símbolo fonético ou fonológico para indicar a posição *inicial*, tal como *k-* aqui nos exemplos acima significa “/k/ em posição inicial [[geralmente, de palavra]]”. Um hífen que precede o símbolo AFI indica que o som ocorre em posição final de palavra (p. ex., *-k*), e quando hifens aparecem antes e depois da representação segmental, ou seja, p. ex., *-k-*, essa convenção expressa a localização em alguma posição *média* [[em geral, sem referência ao nível silábico]] – ou seja, nem inicial absoluta, nem final absoluta de palavra – dentro de um vocábulo.

É importante tentarmos evitar o máximo que for possível eventuais correspondências sonoras que resultam da mera chance. Por exemplo, línguas podem exibir palavras que se parecem apenas por casualidade, por coincidência fortuita total, como no caso de *mes* /mes/ “bagunça”, “desordem”, “lixo” na língua maia kaqchikel e a palavra inglesa *mess* /mes/ que denomina o mesmo conjunto de conceitos¹. Para estabelecer se uma correspondência sonora do tipo *correspondência sonora 1* no glossário é real (ou seja, se o paralelo trata de sons que refletem uma herança em palavras da protolíngua) em lugar de talvez uma simples semelhança acidental, é preciso que identifiquemos se a correspondência se repete noutros conjuntos cognatos. Ao procurarmos exemplos adicionais dessa correspondência românica particular, depreendemos que ela se repete nos demais conjuntos cognatos (2-5) da Tabela 5.1, todos os quais apresentam a *correspondência sonora 1* no primeiro segmento. Se tentássemos encontrar repetições da correspondência aparente *m-* : *m-* entre kaqchikel e inglês (identificada na comparação da sua respectiva palavra para “bagunça”), dentro de pouquíssimo tempo, descobriríamos que não há outras instâncias da referida

¹ Outros exemplos de correspondências aleatórias fortuitas são /bad/ “mau”, “ruim” tanto em inglês quanto em farsi, e /dɒg/ que significa “cão”, “cachorro” em inglês e na língua australiana mbabaram.

correspondência, ou seja que não é repetida, como exemplificamos por meio das palavras comparadas da Tabela 5.2 abaixo, em que as formas inglesas começam com /m/, mas as formas do kaqchikel exibem diversos sons:

Tabela 5.2: comparações inglês-kaqchikel

	inglês	kaqchikel
“homem”	<i>man</i>	<i>ači</i>
“rato”	<i>mouse</i>	<i>č’oy</i>
“lua”	<i>moon</i>	<i>qatiθt</i>
“mãe”	<i>mother</i>	<i>nan</i>

Obviamente, numa situação como essa, em princípio, é possível que as línguas comparadas sejam aparentadas, mas, por casualidade, escolhamos as poucas palavras para comparar na Tabela 5.2, em que uma ou outra das línguas aparentadas não manteve o cognato devido aos empréstimos ou à substituição léxica. Para estarmos seguros de que isso não é o caso, teríamos que examinar muitas comparações (e não apenas o punhado apresentado na Tabela 5.2 a modo de exemplificação). Entretanto, no caso da comparação lexical do inglês e do kaqchikel, nunca encontraríamos mais do que um ou dois casos de palavras em que essas línguas exibem o que, inicialmente, pudéssemos suspeitar como uma correspondência sistemática *m-* : *m-* baseada nas palavras que significam “bagunça” nas duas línguas, e isso justamente porque as duas línguas *não* são parentes e, portanto, o paralelo *m-* : *m-* *não* se repete e *não* se trata de uma correspondência verdadeira. Igualmente, é preciso tentar eliminar as semelhanças identificadas nos empréstimos e que podem parecer sugerir correspondências sonoras. Em geral (embora não sempre), os empréstimos não exibem o tipo de correspondência sistemática que constatamos na comparação de vocábulos nativos entre línguas aparentadas e os empréstimos que afetam itens do vocabulário básico são muito mais infrequentes do que empréstimos noutros tipos de vocabulário (vide o capítulo 13 para mais detalhes).

Visto que a *correspondência sonora 1* se repete com frequência entre as línguas neolatinas, como vemos nas formas comparadas na Tabela 5.1, pressupomos que essa correspondência é genuína. É muito improvável que um conjunto de sons que se correspondem sistematicamente como esse tenha surgido por coincidência, num número elevado de palavras tão parecidas quanto ao som e ao significado por todas essas línguas.

Etapa 3: reconstruir o protofonema

Não existe nenhuma regra fixa sobre o que se deve fazer a seguir. Poderíamos prosseguir estabelecendo outras correspondências sonoras e verificar que as mesmas são repetidas, ou seja, repetiríamos a etapa 2 exaustivamente, até que tivéssemos identificado todas as correspondências sonoras nas línguas sendo comparadas. Por outro lado, poderíamos prosseguir para a terceira etapa, e tentar reconstruir o protofonema do qual o som, em cada língua filha (representado na *correspondência sonora 1*), descende. Finalmente, para terminar a tarefa, precisaríamos estabelecer todas as correspondências e reconstruir o protofonema do qual cada uma delas descende, independentemente de completarmos a etapa 2 para cada conjunto primeiro, e só depois fazermos a etapa 3 para todos os conjuntos, ou se fizermos a etapa 2 seguida imediatamente pela etapa 3, para cada conjunto e, a seguir, prosseguirmos para o próximo conjunto, repetindo a etapa 2 seguida pela etapa 3. Em qualquer uma das situações, como veremos em breve, as reconstruções iniciais que postulamos à base das correspondências sonoras devem ser avaliadas nas etapas 5 e 6, em que verificamos a adequação dos sons individuais reconstruídos que cogitamos inicialmente na etapa 3, contra o inventário fonológico inteiro da protolíngua e sua aptidão tipológica geral. É muito comum precisar modificar algumas das reconstruções sonoras postuladas na etapa 3 nas etapas 5 e 6.

Os sons diferentes (um para cada língua comparada) no conjunto de correspondência fonológica refletem um único som na protolíngua que é herdada nas diferentes línguas filhas. Às vezes, o som é refletido sem alteração em algumas filhas, apesar de que, com frequência, o som ancestral tenha sofrido mudanças sonoras em algumas (ou até em todas) as línguas filhas, fato esse que os fazem diferenciar-se do protofonema original. Reconstruímos o protofonema ao conjecturar qual som na protolíngua seria o mais provável, dada a base das propriedades fonéticas dos sons descendentes nas diversas línguas no conjunto correspondente. A seguir, apresentamos as diretrizes gerais de que os linguistas dependem para ajudá-los no trabalho de discernir a melhor e mais realística reconstrução.

A “direcionalidade”

A direcionalidade conhecida de certas mudanças sonoras é um indício importante na reconstrução (vide o capítulo 2). Por “direcionalidade” queremos dizer que algumas mudanças sonoras que se repetem em línguas independentes, tipicamente ocorrem numa direção ($A > B$), mas que normalmente não (e, às vezes, nunca) são encontradas indo na direção inversa ($B > A$). Alguns especialistas denominam este fenômeno “naturalidade”: algumas mudanças ocorrem com maior facilidade e frequência nas línguas do que outras. Por exemplo, muitas línguas passaram pela

mudança $s > h$, porém, a mudança na direção inversa, $h > s$, é quase desconhecida. Em casos como esse, falamos de “direcionalidade”. Se descobirmos em duas línguas irmãs a correspondência sonora /s/ em Língua₁ : /h/ em Língua₂, reconstruímos *s e postulamos que na Língua₂ *s > /h/. A alternativa, com *h e a mudança *h > /s/ em Língua₁, é altamente improvável, já que não está de acordo com a direção de mudança conhecida. Tipicamente, a direcionalidade resulta de alguma motivação fonética. É possível formar uma noção da direção típica de muitas das mudanças sonoras mais comuns ao consultar os exemplos considerados no capítulo 2.

Quanto à *correspondência sonora 1*, sabemos que a direção de mudança de [k] para [ʃ] é bem plausível e que sua ocorrência já foi observada noutras línguas, mas sabemos também que [ʃ] essencialmente nunca se transforma em [k]. Na verdade, ainda mais típico seria que [k] mudasse para [ʃ], passando primeiro pela etapa intermediária de [tʃ], ou seja, [k] > [tʃ] > [ʃ]. Evidência documentária comprova que a mudança sonora em francês, de fato, passou por essa fase intermediária de [ç]. Documentos em francês antigo exibem para as palavras na Tabela 5.1: /tʃɛvr(ə)/ “cabra”, /tʃɛr/ “caro”, /tʃɛf/ “cabeça”, /tʃarn/ “carne” e /tʃɛn/ “cão”. A etapa intermediária é preservada em muitos empréstimos tomados pelo inglês do francês daquele período, por exemplo, *chief* /tʃi:f/ “chefe”, “patrão” e o antropônimo masculino *Charles* /tʃɑ(ɪ)lz/ “Carlos” com [tʃ], em que os empréstimos mais recentes da mesma origem francesa exibem [ʃ], o resultado da mudança posterior em francês de [tʃ] > [ʃ], como em *chef* /ʃɛf/ “chefe de cozinha” e o antropônimo feminino *Charlene* /ʃɑ(ɪ)li:n/, em que observamos [ʃ].

Outro exemplo da maneira em que a direcionalidade ajuda na reconstrução é exemplificado pelo fato de sabermos que muitas vezes oclusivas surdas ([p t k]) se sonorizam ([b d g]) quando ocorrem entre vogais. Se compararmos duas línguas, Língua₁ e Língua₂, e depreendermos *-b-* intervocálica em Língua₁, que corresponde a *-p-* intervocálica em Língua₂, conseqüentemente, reconstruímos **-p-* e pressupomos que a Língua₁ sofreu a mudança sonora comum de vozeamento de oclusivas em contexto intervocálico (**p* > [b] / V__V, neste caso). Se tentássemos reconstruir **-b-* nesta situação, teríamos que pressupor que a Língua₂ tivesse mudado **-b-* para [*-p-*]. Entretanto, isso seria contrário à direção adotada com mais frequência nas mudanças que envolvem esses sons entre vogais. Esse exemplo ocorre em *correspondência sonora 2* (abaixo).

A motivação fonética para a direcionalidade exibida nesse caso é evidente. É fácil sonorizar as oclusivas entre as vogais, já que as vogais são inerentemente sonoras e, portanto, a mudança (1) [p] > [b] / V__V é muito comum, enquanto não é tão fácil ensurdecer as oclusivas em posições intervocálicas, o que faz com que a mudança (2) [b] > [p] / V__V seja extremamente infrequente. Para (2) realizar-se, as cordas vocais estariam vibrando para articular a primeira vogal e, a seguir,

teríamos que deter a vibração para produzir a oclusiva surda [p], para depois acionarmos a vibração das cordas vocais de novo para articular a segunda vogal. Para produzir (1), simplesmente precisamos deixar as cordas vocais vibrando para os três segmentos, as duas vogais e o [b] que as separa. A direcionalidade conhecida, por conseguinte, em que (1) é atestada com frequência em muitas línguas e (2) quase nunca, é natural e de motivação fonética. Conforme crescer a experiência com as mudanças linguísticas e os sistemas fonológicos do linguista aprendiz, uma compreensão mais aprofundada da direcionalidade de mudança se desenvolve.

“A maioria vence”

Outro princípio norteador é que, tudo o resto sendo equilibrado, deixamos a maioria ganhar – ou seja, a não ser que existam evidências que apontam o contrário, tendemos a selecionar para nosso protossom reconstruído aquele som particular no conjunto correspondente que se manifeste no maior número de línguas filhas. Já que na *CORRESPONDÊNCIA SONORA I*, o italiano, o espanhol e o português exibem /k-/ e somente o francês diverge desse padrão com /š/, conjecturariamos *k- como o som protorromânico. Essa reconstrução supõe que o francês tenha sofrido a mudança sonora *k- > [š-], mas as demais línguas não mudaram nada, *k- se manteve [k-]. A razão por seguirmos o princípio de que “a maioria ganha” é baseada em que é muito mais provável que uma língua tenha passado por uma mudança sonora (neste caso, *k- > [š] em francês) do que várias línguas terem sofrido a mesma mudança sonora de maneira independente. Assim, se postulássemos */- como o protofonema, seria necessário pressupormos que o italiano, o espanhol e o português tivessem sofrido independentemente a mudança de */- > [k] [[a qual é, além disso, uma mudança que já classificamos como muito rara, quanto à sua direcionalidade]].

É preciso tomar cuidado, no entanto, na aplicação da diretriz de “maioria vence” às reconstruções. Algumas mudanças sonoras são tão frequentes (e as línguas as sofrem com tanta facilidade) que várias línguas poderiam passar por um desses tipos de mudança de modo independente das demais (por exemplo, a perda da distinção de duração vocálica, a nasalização de vogais diante de consoantes nasais, e assim diante). É possível também que apenas uma das línguas filhas tenha preservado o som original sem modificações, enquanto todas as outras o tenham alterado de alguma maneira. É igualmente possível que todas as línguas filhas possam sofrer diversas mudanças de modo que nenhuma reflita o protofonema de modo inalterado. Evidentemente, nessas situações não existe nenhuma maioria para vencer. Ademais, a regra da maioria pode não funcionar se algumas das línguas sendo comparadas estiverem aparentadas mais estreitamente entre si do que com as outras. Se algumas línguas pertencerem ao mesmo ramo

(subgrupo) da família linguística (vide o capítulo 6), conseqüentemente, aquelas compartilham uma antecessora mais próxima que é, por sua vez, uma filha da protolíngua. Tal língua intermediária (a mãe das suas próprias descendentes imediatas, sendo essa mesma língua mãe uma filha da protolíngua) poderia ter sofrido uma mudança e, posteriormente, se dividido em suas próprias filhas, integrantes do subgrupo, e cada uma dessas línguas herdariam o som modificado que sua antecessora imediata comum (por sua vez, antigamente uma única filha, da protolíngua que se desmembrou subseqüentemente) teria sofrido. Por exemplo, o francês, o espanhol e o português compartilham alguns sons que são os resultados de mudanças sonoras que ocorreram no romance ocidental antes que essa língua se separasse mais em francês, espanhol e português. O italiano não compartilha nem esses sons, nem os processos que os produziram porque advém de um ramo separado do romance. Por exemplo, o romance ocidental transformou /k/ em final de sílaba em [j], tal como constatamos em português, espanhol e francês, os quais se separaram somente depois que essa mudança comum ao romance ocidental acontecera, p ex., **lak.te* > **laj.te*, que produz *lait* em francês, *leite* em português e *leche* em espanhol (em que as mudanças posteriores foram *ai* > *ei* > *e* nessas línguas e /-jt./ > [ʃ] em espanhol). No italiano, que não é uma língua românica ocidental, sofreu uma mudança diferente, **-k.t-* > [-t.-], [-t.t-], produzindo *latte* “leite”. Observamos os resultados das mudanças diferentes nas opções entre tipos de café nos cardápios: *café au lait* em francês, *café latte* em italiano, *café com leche* em espanhol e *café com leite* em português. Agora, se compararmos *-tt-* do italiano com o *-jt-* do português, do francês e, antigamente, também, do espanhol, a regra de que “a maioria vence” pareceria indicar **jt* como a reconstrução com **j* > [t] / __t no italiano. Entretanto, conhecida a maior proximidade de parentesco entre o espanhol, o português e o francês, todos sendo membros do ramo românico ocidental, não precisamos mais comparar três casos separados de *-jt-* a um caso de *-tt-*, mas somente uma instância de *-jt-* (o resultado de uma única mudança, **-kt-* > [-jt-], no romance ocidental) a um exemplo de [-t.-] (no italiano [membro do ramo românico oriental]). É só após lançarmos mão de outras informações que descobrimos que a melhor reconstrução é, na realidade, **-kt-*, da qual tanto o italiano quanto as línguas neolatinas ocidentais se distanciaram devido às suas respectivas mudanças sonoras diferentes. Como veremos no capítulo 6, são os resultados do método comparativo que fornecerão a base para tirarmos conclusões sobre a classificação que nos indica quais das línguas aparentadas pertencem aos mesmos ramos da família.

Portanto, “a maioria vence” constitui um princípio importante, mas deixa-se ser suplantado facilmente por outras considerações. Não obstante, ainda parece que esse princípio funciona no caso

da *correspondência sonora 1* acima, que indica **k* como a melhor reconstrução, já que é encontrada na maioria das línguas comparadas.

Incorporando traços compartilhados

Tentamos reconstruir o protofôma com a maior precisão fonética possível. Ou seja, desejamos que nossa reconstrução fique o mais próximo que pudermos conseguir da forma fonética real do som, tal como tenha sido pronunciado quando a protolíngua era falada. Nunca podemos saber ao certo qual o grau de exatidão com que nossa reconstrução corresponde ao som real da protolíngua falada antigamente, mas, em geral, quanto mais informação dispusermos sobre a qual podemos basear a reconstrução, tanto mais provável que poderemos conseguir uma reconstrução razoavelmente certa. Procuramos chegar ao máximo de realismo fonético possível ao observar quais características fonéticas são compartilhadas entre os reflexos atestados em cada uma das línguas filhas na correspondência sonora. Identificamos quais traços fonéticos são comuns nos reflexos nas línguas filhas (e traços que possam ser derivados de outros pelo que se sabe sobre a direção das mudanças sonoras, em Etapa 2) e, a seguir, tentamos reconstruir o protofôma ao incluirmos esses traços fonéticos compartilhados. De modo a exemplificar este processo, consideremos uma outra correspondência sonora da Tabela 5.1 que se repete neste caso nas palavras para (1) “cabra” e (2) “cabeça” (além de muitos outros cognatos que não foram incluídos na Tabela 5.1):

Correspondência sonora 2:

espanhol, /b/ : português, /b/ : francês, /v/ : italiano, /p/

Os reflexos nas quatro línguas compartilham o traço “labial”. Os reflexos espanhol, português e italiano compartilham o traço “oclusivo” (em termos fonêmicos). Ao incorporarmos esses traços como um todo, anteciparíamos que o som ancestral teria sido uma “oclusiva labial” de alguma espécie, ou seja, [p] ou [b]. Posto que o reflexo em espanhol, português e francês é “sonoro”, conforme a perspectiva de que “a maioria vence”, poderíamos antecipar reconstruir uma “oclusiva bilabial sonora” (**b*). Neste caso particular, porém, outras considerações – especialmente a direcionalidade – acabam se sobrepondo ao princípio de que “a maioria vence”. A questão da direcionalidade é que é fácil que [p] se sonorize entre sons sonoros (entre vogais no conjunto cognato 3 e entre uma vogal e [r] no conjunto cognato 1 na Tabela 5.1), mas o inverso é muito raro. Consequentemente, quanto à direcionalidade, **p* constitui uma escolha melhor para a reconstrução, sendo foneticamente mais plausível. Assim, o italiano teria mantido [p] (< **p*) e todas as outras línguas sofreram a mudança de vozeamento (**p* > *b* em espanhol e português e **p* > *v* em francês, na verdade, **p* > *b* > *v*). Por meio da direcionalidade, sabemos também que as oclusivas muitas

vezes se tornam fricativas entre vogais (ou entre sons continuantes), mas as fricativas quase nunca se convertem em oclusivas no mesmo ambiente. Portanto, é muito provável que o reflexo francês v seja o produto deste tipo de mudança. Tomando em consideração na nossa explicação, para o conjunto correspondente 2, reconstruímos $*p$ e conjecturamos que, em espanhol e português, $*p > b$ e, em francês, $*p > v$ (ou $*p > b > v$). A *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2*, pois, exemplifica como o linguista comparativista deve saber equilibrar as várias regras gerais da reconstrução, a saber, a maioria vence, a direcionalidade e a incorporação dos traços compartilhados entre os reflexos. (Finalmente, descobrimos que o romance ocidental sofreu a mudança de $*p > b$ nessa posição e, após a separação do romance ocidental, houve a mudança de $b > v$ no francês. Isso é, levando o grau de parentesco (a subclassificação, vide capítulo 6) em consideração, não existe mais uma maioria com o reflexo b , mas antes apenas o romance ocidental b em contraste com o p do italiano.

A economia

Com o conceito da economia, queremos dizer que quando houver diversas alternativas, a que precisar do menor número de mudanças independentes é a mais provável de ser certa. Por exemplo, se para a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1* postulássemos $*f$, nossa escolha obrigaria conjecturar três mudanças independentes de $*š$ para k , cada uma, para o italiano, o espanhol e o português. Por outro lado, se propormos $*k$ para o fonema protorromânico, precisamos pressupor apenas uma mudança sonora, $*k > f$ numa língua, o francês. O critério da economia se fundamenta no pressuposto de que é maior a probabilidade de que uma única mudança tenha ocorrido, do que três mudanças independentes tenham ocorrido. Obviamente, às vezes, mudanças independentes ocorrem, de fato, de modo que esse critério não garante sempre o resultado certo. No entanto, sendo tudo igual, a chance de uma reconstrução que incorpore pressupostos mais econômicos ser correta é maior do que uma reconstrução que pressuponha desenvolvimentos menos econômicos (veja abaixo para mais exemplos do uso do critério da economia).

As outras duas regras gerais que os linguistas aplicam ao reconstruírem os sons envolvem verificar que os sons individuais conjecturados para representar as diversas correspondências sonoras se adequam o padrão fonológico geral da protolíngua e confirmar que o padrão reconstruído seja consistente com o que se sabe sobre os universais linguísticos e as expectativas tipológicas. Esses dois princípios são a *adequação fonológica* e *adequação tipológica*, respectivamente (as etapas 5 e 6 abaixo). Essas duas considerações na maioria dos casos começam a vigorar depois que o conjunto completo de correspondências sonoras tiver sido tratado e é possível considerar o inventário inteiro

de sons reconstruídos que tenha sido postulado. Por esse motivo, tratemos primeiro as demais correspondências na tabela 5.1, para voltarmos a essas duas considerações mais adiante.

Continuemos a realizar as etapas 2 e 3, portanto, para as formas presentes na tabela 5.1, e a estabelecer as correspondências sonoras restantes exibidas nessas formas e a identificar reconstruções para elas. Não importa a ordem em que investiguemos as correspondências sonoras. Ora poderíamos examinar primeiro somente as consoantes iniciais em todos os conjuntos cognatos, a seguir, as consoantes médias e as finais, e, por último, as vogais; ora, poderíamos prosseguir a investigar a correspondência sonora que representa o próximo som (o segundo) no primeiro conjunto cognato, para depois passar ao terceiro no mesmo conjunto e assim adiante, até que todos os sons nesse conjunto cognato tenham sido tratados, de modo a passarmos, somente então, ao próximo conjunto cognato, tratando em sequência cada uma das correspondências sonoras para cada um dos sons que encontremos nesse conjunto (embora alguns desses possam repetir-se noutros conjuntos cognatos e, portanto, possam ter sido identificados já na consideração dos conjuntos cognatos tratados anteriormente). Continuamos dessa maneira até que todas as correspondências sonoras repetidas tenham sido examinadas e os protofonemas que as representem tenham sido propostos. Destarte, chegaremos finalmente à reconstrução do inventário sonoro completo da protolíngua.

No exemplo na Tabela 5.1, continuemos com os sons correspondentes no conjunto cognato 1, para “cabra”. A primeira vogal nas formas no conjunto cognato 1 exhibe a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 3*:

Correspondência sonora 3:

italiano, -a- : espanhol, -a- : português, -a- : francês, -ε-

Verificamos essa correspondência para ver se o padrão se repete e descobrimos que também aparece nos demais conjuntos cognatos na Tabela 5.1, em “caro”, “cabo”, e “carne” (também ocorre novamente, com efeito, na última vogal do conjunto cognato 1 para “cabra”, embora tenhamos que lidar com a mudança posterior no francês de /-ε/ final > [ə]/Ø.) De acordo com o princípio de que “a maioria vence”, para a correspondência sob consideração, reconstruímos **a* para o som protorromânico, assumindo que o francês passou pela mudança de **a* > [ε].

O terceiro som no conjunto cognato 1 “cabra” já foi tratado, na realidade, na nossa explicação da *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2* (em que reconstruímos **p* para o conjunto correspondente espanhol, *b* : português, *b* : francês, *v* : italiano, *p*).

O próximo som na sequência de sons nos cognatos para “cabra” gera o conjunto correspondente 4:

Conjunto correspondente 4:

italiano, -r- : espanhol, -r- : português, -r- : francês, -r-

A correspondência sonora 4 também se repete, em “cabra”, “caro” e “carne” (na Tabela 5.1). Quanto a ela, proporíamos **r* protorromânico, sob “a maioria vence”, visto que todas as línguas exibem esse reflexo. (Para estarmos totalmente precisos, teríamos que lidar com o fato de que, quanto à fonética, no francês padrão moderno, o fonema /r/ se tornou uvular ([R]), mas desconsideramos esse detalhe por enquanto.)

O último som em “cabra” na verdade repete a correspondência sonora 3, embora o francês mais tarde tenha mudado /-ε/ novamente (para [ə] ou Ø). Ainda que, em termos técnicos, isso deveria ser considerado uma correspondência sonora separada, para facilitar nosso trabalho, suponhamos neste caso que descobriríamos facilmente que os dois conjuntos correspondentes, para a primeira e a última vogal no conjunto cognato “cabra”, se correspondem, isso devido a uma mudança condicionada posterior específica do francês.

Para completar a investigação, teríamos que estabelecer as correspondências sonoras para todos os conjuntos cognatos e reconstruir os sons para representá-los. Por exemplo, depreenderíamos:

Correspondência sonora 5:

italiano, *o* : espanhol, *o* : português, *o* : francês, Ø

Isso se repete, como, por exemplo, em “caro”, “cabo”. Para a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 5*, reconstruiríamos **o* (a maioria vence), sustentando que, foneticamente, o português muda **-o* final para [u] e que o francês eliminou **-o*.

Com um corpus de dados mais extensivos (muito mais conjuntos correspondentes do que apresentamos na Tabela 5.1), conseguiríamos confirmar essas reconstruções, com suas mudanças sonoras associadas e as condições sob as quais as modificações ocorreram. Finalmente, identificaríamos todas as correspondências sonoras e poderíamos conjecturar reconstruções para todos os sons da protolíngua e estabelecer seu inventário fonêmico e seus padrões fonológicos.

Etapa 4: Estabelecer o estatuto de quaisquer conjuntos de correspondências semelhantes (os conjuntos “parcialmente sobrepostos”)

Algumas mudanças sonoras, especialmente as mudanças sonoras condicionadas, podem resultar num protofonema ser associado a mais do que um conjunto correspondente. É preciso lidar com tais conjuntos se pretendemos conseguir uma reconstrução exata. De modo a mostrar como se faz isso, examinaremos um exemplo. Para isso, consideremos alguns conjuntos cognatos nas línguas românicas, os da tabela 5.3 (numerados para seguir os da tabela 5.1).

Tabela 5.3: Alguns conjuntos cognatos românicos adicionais

	italiano	espanhol	português	francês	(latim)
6.	<i>colore</i>	<i>color</i>	<i>cor</i>	<i>couleur</i>	<i>colōre</i>
	/ko'lo.re/	/ko'lor/	/kor/	/ku'lœr/	/ko'lo:.re/
7.	<i>correre</i>	<i>correr</i>	<i>correr</i>	<i>courir</i>	<i>currere</i>
	/'kor.re.re/	/ko'fer/	/ko'fer/	/ku'rîr/	/'kur.re.re/
8.	<i>costare</i>	<i>costar</i>	<i>costar</i>	<i>coûter</i>	<i>co(n)stāre</i>
	/kos'ta.re/	/kos'tar/	/kos'tar/	/ku'te/	/ko(n)s'ta:.re/ “estar firme”
9.	<i>cura</i>	<i>cura</i>	<i>cura</i>	<i>cure</i>	<i>cūra</i>
	/'ku.ra/	/'ku.ra/	/'ku.ra/	/kyr/	/'ku:.ra/ “cuidado”

Baseando-nos nas formas da Tabela 5.3, estabelecemos uma correspondência sonora para o som inicial nessas formas:

Correspondência sonora 6:

italiano, *k-* : espanhol, *k-* : português, *k-* : francês, *k-*

Para a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 6*, visto que todas as línguas exibem o mesmo som, *k-*, reconstruiríamos naturalmente **k-*. Entretanto, nossa *CORRESPONDÊNCIA SONORA 6* é semelhante à nossa *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1* (em tabela 5.1), para a qual reconstruímos provisionalmente **k-*, que repetimos abaixo para fins comparativos:

Correspondência sonora 1:

italiano, *k-* : espanhol, *k-* : português, *k-* : francês, *f-*

Os dois conjuntos se sobrepõem parcialmente, já que ambos os conjuntos compartilham alguns dos mesmos sons. Na realidade, a única diferença entre os dois é no francês, que apresenta *k-* em *correspondência sonora 6*, mas exibe *f-* em *correspondência sonora 1*. Em tais casos de conjuntos correspondentes semelhantes (parcialmente sobrepostos), temos que identificar se os dados refletem

dois protofonemas separados ou se trata-se de só um protofonema que se dividiu em mais de um som em pelo menos uma das línguas filhas. No caso das *CORRESPONDÊNCIAS SONORAS 1 e 6*, precisamos identificar se os dois conjuntos refletem **k-* ou se temos que reconstruir algo distinto para cada um dos dois conjuntos. Por pressupormos que a mudança sonora é regular, existem só duas possibilidades. A primeira é de explicar por que os dois conjuntos são diferentes. Neste caso, isso necessitaria uma demonstração de que, enquanto as outras línguas mantiveram **k*, em francês, **k* tinha se tornado /ʃ/ em ambientes que precisam ser especificados de modo a podermos identificar quando o único som postulado, **k*, se converteu em /ʃ/ e quando permaneceu /k/ em francês. Se não conseguirmos demonstrar isso, então estamos obrigados a aceitar a segunda possibilidade, ou seja, de que tenham existido dois protossoms distintos, os quais resultaram nos dois conjuntos correspondentes, em que os dois sons diferentes se fusionaram em /k/ em todos os contextos em italiano, espanhol e português, no presente exemplo.

Nesse caso, podemos identificar o contexto em que o francês, às vezes, mas não sempre, mudou **k* para /ʃ/. Notamos que, nos conjuntos de cognatos na Tabela 5.1 que exibem *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*, esse som precede /ɛ/ em francês e /a/ nas demais línguas (*CORRESPONDÊNCIA SONORA 3*), enquanto, na *CORRESPONDÊNCIA SONORA 6*, exemplificada pelos conjuntos de cognatos na tabela 5.3, o som inicial não está diante de /a/ ou /ɛ/ (como na *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*), mas está diante de /o/ ou /u/ (/o/ ou /y/ em francês). Consequentemente, estabelecemos que o francês sofreu uma mudança sonora condicionada, que *k* > ʃ diante da vogal do conjunto correspondente 3 (**a* que se tornou /ɛ/ em francês), mas reteve **k* inalterado diante das vogais arredondadas contempladas nos cognatos da tabela 5.3 (essencialmente, **u* e **o*, embora precisemos passar pelos estágios anteriormente apresentados para reconstruir essas vogais). Assim, apesar das duas correspondências sonoras (1 e 6), reconstruímos um único protossom e mostramos que uma dessas correspondências sonoras (o número 6) é o resultado de uma mudança condicionada que afetou apenas algumas das instâncias do **k* original em francês (aqueles diante o **a* original), mas não nos demais casos de **k* (aqueles diante de **u* e **o*).

Em alguns casos, porém, vemo-nos forçados a reconstruir protossoms separados em instâncias de conjuntos correspondentes parcialmente sobrepostos. Considere, por exemplo, as duas correspondências sonoras exemplificadas pelos sons nos cognatos adicionais na tabela 5.4.

	italiano	espanhol	português	francês	latim
10.	<i>battere</i> /'bat.te.re/	<i>batir</i> /ba'tir/	<i>batir</i> /ba'tir/	<i>battre</i> /'batʁ/	<i>battuere</i> /'bat.tu.e.re/
11.	<i>bolla</i> /'bol.la/	<i>bola</i> /'bo.la/	<i>bola</i> /'bo.la/	<i>boule</i> /bul/	<i>bullā</i> /'bul.la/
12.	<i>bontà</i> /bon'ta/	<i>bondad</i> /bon'dad/	<i>bondade</i> /bon'da.de/	<i>bonté</i> /bon'te/	<i>bontate</i> /bon'ta:te/

13.	<i>bev-</i> /bev-/	<i>beber</i> /be'ber/	<i>beber</i> /be'ber/	<i>boire</i> /bwar(ə)/ fr. ant., <i>beivre</i> /'bejvrə/	<i>bibere</i> /'bi.be.re/
14.	<i>venire</i> /ve'ni.re/	<i>venir</i> /be'nir/	<i>vir</i> /vir/	<i>venir</i> /və'nir/	<i>venire</i> /we'ni.re/
15.	<i>valle</i> /'val.le/	<i>valle</i> /'ba.ʎe/	<i>vale</i> /'va.le/	<i>val</i> /val/	<i>valle</i> /'wal.le/
16.	<i>vestire</i> /ves'ti.re/	<i>vestir</i> /bes'tir/	<i>vestir</i> /ves'tir/	<i>vêtir</i> /ve'tir/	<i>vestire</i> /wes'ti.re/

Os conjuntos de cognatos 10 a 13 exibem a correspondência sonora em (7):

Correspondência sonora 7:

italiano *b* : espanhol *b* : português *b* : francês *b*

Os conjuntos de cognatos 14 a 16 exibem a correspondência sonora em (8):

Correspondência sonora 8:

italiano *v* : espanhol *b* : português *v* : francês *v*

Evidentemente, a melhor reconstrução para a *correspondência sonora 7* seria **b*, já que todas as línguas têm /b/ como seu reflexo. A *correspondência sonora 8* se sobrepõe parcialmente com o conjunto correspondência anterior em que o espanhol exibe /b/ como seu reflexo neste conjunto também, que corresponde a /v/ das demais línguas. Tal como no caso de **k* protorromânico (acima), ora temos que explicar a diferença nesses dois conjuntos, demonstrando que as línguas com /v/ mudaram um **b* original para /v/ sob certas circunstâncias claramente definidas, ora precisamos reconstruir dois sons separados na protolíngua, presumivelmente **b* e **v*, situação que leva a acreditar que o espanhol fusionou seu **v* original com /b/. Nesse caso, resumindo, se procurarmos fatores que poderiam servir como a base de uma mudança condicionada no italiano, português e francês para explicar como um único segmento original, **b*, tivesse se tornado /v/ em certas circunstâncias, mas permanecera /b/ sob outras condições nessas línguas, não conseguiremos identificá-los. Depreenderemos tanto /b/ como /v/ no início das palavras diante de todo tipo de vogais e, com dados mais extensos, constataríamos que ambos os sons ocorrem livremente nos mesmos ambientes nessas línguas. Já que nenhum fator condicionador é identificado, reconstruímos **b* para os cognatos no conjunto correspondente 7 e **v* para os cognatos no conjunto correspondente 8, dois protossosns diferentes. Disso, prossegue que **v* se fundiu com **b* no espanhol, explicando por que /b/ é o reflexo espanhol em ambos os conjuntos correspondentes 14-16 e 10-13 da tabela 5.4.

Um exemplo um tanto mais revelador acerca do problema dos conjuntos correspondentes sobrepostos que contrastam e que, conseqüentemente, requerem sons separados para serem reconstruídos, é exemplificado na tabela 5.5, das línguas maias (das quais, apenas umas poucas, cada uma representando um ramo importante da família, são representadas).

Tabela 5.5: Alguns cognatos de conjuntos maias

	k'iche'	tzeltal	yucateco	huasteco	protomaia	
1.	ra:h	ja	jah	jah-	*ra:h	“picante”
2.	riʔx	jix	jiʔih	jeh-	*riʔix	“ancião”
3.	r-	j-	j-	-	*r-	“seu/sua”, “dele/dela”
4.	raʃ	jaʃ	jaʔaʃ	yaʃ-	*raʔʃ	“verde”
5.	war	waj	waj	waj-	*war	“dormir”
6.	ja:x	jah	jah	jaʔ	*ja:h	“doente”
7.	jaʃ	jaʃ	-	-	*jaʃ	“carangreio”, “pinceres”
8.	k'aj-	k'aj- (“cantar”)	k'aj- (“cantar”, “vender”)	č'aj- (“comprar”)	*k'aj-	“vender”

Observem que o travessão (-) é a convenção utilizada pelas línguas para significar que ora desconhece-se um cognato, ora os dados são indisponíveis. Em tais casos, temos que recorrer a informações de outros conjuntos de cognatos para identificar os traços daquelas línguas em que as formas faltam.

Os cognatos 1-5 exibem a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*:

Correspondência sonora 1:

k'iche' /r/ : tzeltal /j/ : yucateco /j/ : huasteco /j/

Os conjuntos cognatos 6-8 exibem a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2*:

Correspondência sonora 2:

k'iche' /j/ : tzeltal /j/ : yucateco /j/ : huasteco /j/

Evidentemente, pelos nossos critérios padrões, a melhor reconstrução protomaia quanto à *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2* seria *j (preservado inalterado em todas as línguas). Contudo, todas as línguas, com a exceção do k'iche', também exibem /j/ como seu reflexo na *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*, ao passo que o k'iche' exhibe /r/ nesse caso. Tal como na discussão do caso de *k protorromânico (acima), ou temos que explicar como a diferença nesses dois conjuntos surgiu ao demonstrar que o k'iche' modificara o *j original para /r/ sob um conjunto de circunstâncias fonéticas evidentes, ou temos que reconstruir dois sons separados na protolíngua. Neste caso, resumindo todo o assunto em poucas palavras, se procurarmos fatores que possam ser a base de uma mudança condicionada em k'iche', não conseguiremos identificá-los. Constatamos tanto /r/ como /j/ no início e ao final de palavra, diante de todo tipo de vogal e assim adiante, e, basicamente, qualquer um dos dois sons pode ocorrer em qualquer contexto sem restrições. Já que não podemos

identificar nenhum fator condicionador, reconstruímos **r* para a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1* e **j* para a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2*, dois protossons. Disso, prossegue que **r* fusionou com **j* em tzeltal, yucateco e huasteco, explicando porque as línguas exibem /j/ como o reflexo também nos conjuntos de cognatos 6-8 da tabela 5.5. Quando examinarmos ainda outras línguas maias, constatamos que essa distinção é apoiada ainda mais, porque, por exemplo, o mam tem /t/ e o motocintleco tem /č/ nos lugares em que o k'iche' tem /r/ nos cognatos que exemplificam a *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*, mas aqueles dois idiomas nos cognatos em que o k'iche' tem /j/ em *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2*. Ou seja, o k'iche' se mostra não ser a única testemunha da distinção entre os dois sons desses conjuntos correspondentes (Campbell, 1977).

Há um caso famoso que confirma esta maneira de tratar os conjuntos de correspondências sonoras parcialmente sobrepostas. A prova célebre de Leonard Bloomfield (1925, 1928) da aplicabilidade do método comparado às línguas “exóticas” (ágrafas) foi baseada nos conjuntos correspondentes das línguas algonquianas centrais apresentados com suas reconstruções na tabela 5.6 (PAC = protoalgonquiano central). Bloomfield (1925) postulou a reconstrução de **çk* para o conjunto 5, de maneira distinta dos demais na base de evidências escassas, mas conforme a pressuposição de que a mudança sonora seja regular e a diferença nesse conjunto correspondente (embora apresente apenas sons que ocorrem em outras combinações nos demais conjuntos) não poderia dar satisfação de maneira plausível. Mais tarde, a decisão de Bloomfield de reconstruir algo diferente para o conjunto 5 foi confirmada quando a língua *swampy cree* (cree dos pântanos) foi descoberta, que inclui a correspondência /htk/ no morfema sobre o qual o conjunto 5 foi baseado, diferente no *swampy cree* do que os reflexos das outras quatro reconstruções. À base dessa descoberta, Bloomfield (1928: 100) concluiu:

Enquanto pressuposto, porem, o postulado [da mudança sonora sem exceções] produz, como mero andamento rotineiro, predições que seriam impossíveis de outra maneira. Dito de outra maneira, a afirmação de que os fonemas mudam (as mudanças sonoras não admitem exceções) é uma hipótese verificada: na medida em que seja possível falar de tal coisa, constitui uma verdade comprovada.

[“As an assumption, however, the postulate [of sound change without exception] yields, as a matter of mere routine, predictions which otherwise would be impossible. In other words, the statement the phonemes change (sound-changes have no exceptions) is a tested hypothesis: in so far as one may speak of such a thing, it is a proved truth.”]

Leonard Bloomfield, “A note of sound change”, *Language* 4 1928: 99-100.
(Cit., Campbell, 2001: 126-7)

Tabela 5.6: Correspondências sonoras no algonquiano central e a reconstrução de Bloomfield

	fox	ojibwa	plains cree	menomini	PAC
1.	hk	sk	sk	čk	*čk
2.	/k	/k	sk	sk	*/k
3.	hk	hk	sk	hk	*xk
4.	hk	hk	hk	hk	*hk
5.	/k	/k	hk	hk	*čk

As línguas maias fornecem um caso mais claro e mais convincente da necessidade de reconstruir protossosns distintos se a diferença entre dois conjuntos correspondentes parcialmente sobrepostos não puder dar satisfação. Considere as seguintes correspondências sonoras k'iche'anas (um subgrupo da família maia):

	k'iche'	tz'utujil	kaqchikel	poqomchi'	uspanteko	q'eqchi'
(1)	x	x	x	x	x	x
(2)	x	x	x	x	x- / -(v̇)x	h

Em (1) todas as línguas exibem /x/ como o reflexo e antecipariamos naturalmente reconstruir *x para o som protok'iche'ano. Entretanto, (2) se sobrepõe bastante com (1), em que cada língua também exhibe /x/, com exceção do q'eqch', que apresenta /h/. O uspanteko também possui /x/; contudo, se houver uma vogal que preceda esse /x/, a mesma recebe um tom cadente (/v̇ /), que não é caso nas vogais que precedem a fricativa velar /x/ do conjunto correspondente (1). Já que nenhum fator condicionador pode ser identificado para dar satisfação à diferença entre os dois conjuntos no q'eqchi' e no uspanteko, é preciso reconstruir protossosns separados. Foi proposto que o conjunto correspondente (2) represente um som que é articulado de maneira mais anterior do que /x/, o som do conjunto correspondente (1), e, portanto, *x̣ (uma fricativa velar um tanto anteriorizada) foi proposto para representar o conjunto correspondente (2). Embora a reconstrução com *x e *x̣ para esses dois conjuntos não é ideal foneticamente, no entanto, a decisão de reconstruir algo diferente para os dois segmentos se vê confirmada quando cognatos [do k'iche'ano] são comparados com cognatos com outros ramos da família maia além do k'iche'ano, como exemplificamos abaixo com as seguintes formas:

	yucateco	chol	chuj	q'anjobal	motocintleco	mam	k'iche'ano
(3)	/x/	/h/	/x/	/x/	/x/	/x/	*x
(4)	/n/	/n/	/ŋ/	/ŋ/	/ŋ/	/x/	*x̣

Deste modo, percebe-se que os sons no conjunto de correspondência (3) refletem $*x$ do protomaia, enquanto os do conjunto (4) espelham o protofonema $*\eta$ do protomaia. Pois, já que os dois sons estão distintos claramente nos demais ramos da família e descendem de sons distintos no protomaia, a validade da decisão de reconstruir sons diferentes para o protok'icheano, um ramo do maia, está comprovada. (Talvez seja possível também refinar a fonética dessa reconstrução. Dado que o x da língua k'icheana (e de várias outras línguas maias) é foneticamente $[\chi]$ (uma fricativa uvular surda), pode ser interessante reconstruirmos $*\chi$ para [o protofonema do] conjunto (3) do k'icheano e, em decorrência disso, deixarmos $*x$ (a fricativa velar surda) representar o conjunto (4). Visto que as línguas k'icheanas contrastam oclusivas uvulares e velares, pode fazer sentido reconstruir um contraste análogo na série fricativa (vide a etapa 5).)

Etapa 5: Verificar a plausibilidade do som reconstruído desde a perspectiva do inventário fonológico completo da protolíngua

As etapas 5 e 6 são ligadas. A regra geral da etapa 5 se beneficia do fato de que as línguas tendem a se comportar bem, ou seja, elas tendem a exibir sistemas de sons simétricos com padrões congruentes. De modo a exemplificar, na reconstrução dos sons das correspondências sonoras individuais na etapa 3, pode-se reconstruir cada som da protolíngua com pouca consideração de como esses sons podem se relacionar ou como podem se combinar para integrar um sistema coerente. Com frequência, na etapa 5, ao considerarmos o panorama mais amplo desses sons no contexto do inventário completo, acabamos refinando e corrigindo as nossas propostas iniciais. Por exemplo, se duas línguas aparentadas apresentarem o conjunto de correspondência Língua₁ d : Língua₂ r , é possível que reconstruamos inicialmente $*r$ e imaginar que $*r > d$ em Língua₁, pois $[r] > [d]$ é uma mudança conhecida entre as línguas, embora a alternativa de $*d$, com a pressuposição de que Língua₂ tenha sofrido a mudança de $[d] > [r]$, seja igualmente plausível dado que tal mudança de $[d] > [r]$ também consta nas línguas. Suponha, entretanto, que [ao realizarmos] a etapa 5, descobrimos que reconstruímos sons baseados em outras correspondências sonoras que gerariam o seguinte inventário fonológico para a protolíngua:

$*p$	$*t$	$*k$
$*b$		$*g$
	$*r$	
	$*l$	

Há uma lacuna nesse inventário onde se esperaria que $*d$ ocorresse para completar a série das oclusivas, de modo que as oclusivas surdas ($*p *t *k$) teriam seus respectivos pares sonoros ($*b *d$

**g*), se [o protofonema] **d* existisse, o que tornaria a série das oclusivas simétrica, sendo o padrão congruente. A protolíngua, na medida em que foi reconstruída experimentalmente até este ponto, com tanto **r* como **l* e com **b* e **g*, mas sem **d*, seria pouco usual e [constituiria um sistema inesperado]. Contudo, com a revisão da nossa reconstrução preliminar anterior de **r* na base da correspondência sonora de *d* : *r*, para o igualmente provável **d* (e pressupõe-se, portanto, **d* > *r* na Língua₂), conseguiremos uma distribuição muito mais coerente e provável para os sons do protoinventário, em que as duas séries de oclusivas estão congruentes:

<i>*p</i>	<i>*t</i>	<i>*k</i>
<i>*b</i>	<i>*d</i>	<i>*g</i>
	<i>*r</i>	
	<i>*l</i>	

Apesar desse caso ter sido apresentado como uma possibilidade hipotética, é na realidade um sistema que existe em várias famílias linguísticas verdadeiras, por exemplo, em certos ramos da família austronésia. É importante, porém, manter em mente que, embora as línguas tendam a ser simétricas e a exibirem padrões congruentes, nem sempre é o caso de que isso ocorra.

Vamos examinar outro caso hipotético, que também ocorre de verdade em famílias linguísticas reais. Se encontrarmos numa família linguística de dois membros o conjunto de correspondência Língua₁ *s* : Língua₂ *f*, podemos reconstruir ou **s* (pressupondo **s* > *f* em Língua₂, ou podemos postular **f* (e imaginarmos que **f* > *s* em Língua₁). Ambas essas mudanças (**s* > *f* e **f* > *s*) são constatadas com frequência noutras línguas. Imagine, porém, que na etapa 5 [da reconstrução], depreendamos que as demais correspondências sonoras justificam a reconstrução de vários protossosns na série alveolar, incluindo **ʃ*, à exclusão de qualquer outro som palato-alveolar. Isso daria [, potencialmente,] numa protolíngua com **ʃ* alveolar, mas com **f* palato-alveolar e sem nenhum **s*, no entanto, tal sistema seria assimétrico e estranho. Não obstante, uma protolíngua em que houvesse **ʃ* e **s*, mas nenhum **f*, seria normal e bastante comum. Conseqüentemente, na etapa 5, revisariamos a reconstrução preliminar da etapa 3 para que a reconstrução incluía **s* para o conjunto de correspondência *s* : *f* (postulando **s* > *f* em Língua₂) de modo a tornar o inventário fonológico completo mais plausível na protolíngua que reconstruímos. Um exemplo verdadeiro que corresponde perfeitamente a essa situação é do mixe-zoqueano (uma família de línguas do sul do México), em que as línguas do ramo zoqueano exibem /s/, que corresponde a /ʃ/ nas línguas mixeanas e nenhum ramo exhibe /č/, só /ts/. Por conseguinte, para o protomixe-zoqueano, **s* é a melhor reconstrução para o conjunto de correspondência *s* : *f*.

Obviamente, as línguas não precisam ser simétricas ou completamente naturais, apesar de elas tenderem a ser assim. Também é concebível que uma protolíngua exiba lacunas (tal como o **d* que faltava em nosso primeiro exemplo) e assimetrias (**ʈ* e **ʃ* em lugar de **ʈ* e **s*, como no segundo exemplo acima); entretanto, a não ser que haja alguma evidência muito convincente que nos obrigue a aceitar uma reconstrução menos regular e frequente, estamos sujeitos a admitir as que são motivadas pela congruência dos padrões, a naturalidade pela simetria. Isto é, é muito mais frequente as línguas geralmente terem sistemas simétricos (naturais) do que o oposto. Consequentemente, no caso de existirem duas possibilidades, uma com um inventário mais esperado e a outra com um inventário menos comum, menos antecipado, a probabilidade é mais alta de que a reconstrução que contenha o sistema mais natural e simétrico reflita com maior certeza a estrutura da protolíngua que se falava antigamente do que a probabilidade de que o sistema assimétrico a represente. Dada a maior probabilidade do primeiro modelo ser o certo, optamos por ele em lugar do segundo, que é menos provável de ter existido.

Etapa 6: Verificar a plausibilidade do som reconstruído desde a perspectiva dos universais linguísticos e as expectativas tipológicas

Determinados inventários de sons ocorrem frequentemente entre as línguas do mundo, enquanto certos outros não ocorrem nunca e ainda outros surgem apenas raramente. Ao verificar as nossas reconstruções para os sons de uma protolíngua, devemos assegurar que não se propõe um conjunto de sons que não ocorra nunca ou que se apresente apenas com pouca frequência entre as línguas humanas. Por exemplo, não há nenhuma língua em que não conste nenhuma vogal. Consequentemente, qualquer proposta de protolíngua reconstruída em que não houvesse vogais, seria eliminada ao chegar à etapa 6. Não existem línguas com apenas consoantes glotalizadas, sem que haja pares não glotalizados, de modo que uma reconstrução seria falsa se defendesse que alguma protolíngua tivesse contido só consoantes glotalizadas e nenhuma consoante não glotalizada. As línguas não têm apenas vogais nasais, sem terem também algumas vogais orais, de modo que nunca poder-se-ia propor uma reconstrução que resultasse numa protolíngua em que só existissem vogais nasais.

Ponderemos um caso real. A família *nootka* exibe as correspondências sonoras apresentadas na tabela 5.7. Já que não dispomos de nenhuma outra orientação, poderemos inclinar-nos favoravelmente, na base do princípio de que a maioria vence, à reconstrução de oclusivas sonoras no protonootka para estes quatro conjuntos de correspondências e postularmos que essas oclusivas sonoras se converteram em seus pares nasais na língua nootka.

Tabela 5.7: Correspondências no nootka que envolvem nasais.

	makah	nitinat	nootka
1.	b	b	m
2.	d	d	n
3.	b'	b'	m'
4.	d'	d'	n'

Entretanto, apenas um grupo extremamente reduzido de línguas naturais não exibe nenhum segmento nasal; por conseguinte, não é de esperar que uma protolíngua esteja sem nasal algum e qualquer protolíngua em que falte nasais por completo deve fundamentar-se em evidências muito convincentes. Nesse caso, o nitinat e o makah pertencem à área do litoral nordeste da América do Norte onde, de fato, línguas de várias famílias linguísticas diferentes não exibem nasais. A ausência de nasais nessas línguas pode ser atribuída à influência de outras línguas sem nasais da mesma área linguística (vide o capítulo 12). O protonootka tinha nasais, como a língua nootka moderna ainda tem, mas o makah e o nitinat perderam a nasalidade – os antigos nasais se tornaram as oclusivas sonoras orais correspondentes ($*m > b$, $*n > d$, $*m' > b'$, $*n' > d'$). O conhecimento dos universais e das tipologias esperadas nos conduziria, nesse caso, a reconstruir a protolíngua com nasais e nos induziria a presumir uma mudança subsequente no makah e no nitinat.

Obviamente, na etapa 5, também dependemos de padrões tipológicos nas línguas e avaliamos os protoinventórios hipotéticos à base dos mesmos critérios; ou seja, as etapas 5 e 6 não estão totalmente separadas.

Etapa 7: reconstruir os morfemas individuais

Uma vez que reconstruímos o protossom do qual pressupomos que os sons nas correspondências sonoras descendem, é possível reconstruir itens lexicais e morfemas gramaticais. Por exemplo, na base do conjunto de cognatos para “cabra” na tabela 5.1, o primeiro som (o da *CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*) foi reconstruído como $*k$ (baseado no conjunto de correspondências $k : k : k : f$); para o segundo som nos cognatos para “cabra”, reconstruímos $*a$, tal como na *CORRESPONDÊNCIA SONORA 3* (com $a : a : a : \varepsilon$); o terceiro som é representado pela *CORRESPONDÊNCIA SONORA 2* ($p : b : b : v$), da qual reconstruímos $*p$; o próximo som no conjunto de cognatos 1, tal como representado pela *CORRESPONDÊNCIA SONORA 4*, reflete o $*r$ protorromânico (à base do conjunto de correspondência $r : r : r : r$); e o último som entre os cognatos para “cabra” espelha o conjunto de correspondência 2 (ou, na realidade, uma modificação desse conjunto específica às vogais finais em francês), que foi

reconstruído como **a*. Ao juntar os sons reconstruídos na ordem em que aparecem nos cognatos para “cabra” no conjunto 1, produzimos **kapra*. Isso é, reconstruímos uma palavra em protorromance, **kapra* “cabra”. Para o conjunto de cognatos 2 “caro” na tabela 5.1, juntaremos **k* (*CORRESPONDÊNCIA SONORA 1*), **a* (*CORRESPONDÊNCIA SONORA 3*), **r* (*CORRESPONDÊNCIA SONORA 4*) – todas constatadas já na reconstrução de “cabra” - **o* (*CORRESPONDÊNCIA SONORA 5* em que *o : o : u : Ø*), todas as quais geram a palavra protorromânica **karo* “caro”. Quanto ao conjunto de cognatos 3 “cabeça”, contamos com combinações dos mesmos conjuntos de correspondências que já utilizamos na reconstrução de “cabra” e “caro”, a saber, as *CORRESPONDÊNCIAS SONORAS 1, 3, 2 e 5*, que resultam na palavra protorromânica reconstruída **kapo* “cabeça”. Dessa maneira, procedemos a reconstruir palavras protorromânicas para todos os conjuntos de cognatos baseados na sequência de correspondências sonoras que as mesmas espelham, construindo um léxico protorromânico.

A reconstrução de um som, de uma palavra ou de porções extensas de uma protolíngua é, na realidade, uma hipótese (ou, melhor, uma rede de hipóteses ligadas entre si) que diz respeito a como esses aspectos da protolíngua teriam sido. Aspectos da reconstrução postulada podem ser testados e demonstrados serem incorretos, ou podem ser modificados à base de novos discernimentos. Tais apreensões podem envolver novas interpretações dos dados já disponíveis, ou o acréscimo de novas informações que tenham sido desvendadas. A descoberta de um membro antes desconhecido de uma família linguística pode fornecer novas evidências, outros testemunhos dos eventos que transcorreram entre a protolíngua e suas descendentes, que possam mudar como concebemos a estrutura e o conteúdo da protolíngua. Existem diversos casos célebres em que isso sucedeu que servem para exemplificar esse ponto. O caso de Bloomfield e a língua *swampy cree* já foi mencionado. Com a descoberta e a descodificação do hitita (melhor dito, das línguas do ramo Anatólio da família indo-europeia), a perspectiva da fonologia indo-europeia mudou completamente, por incluir evidência mais clara de vários novos protossosns (a série laríngica).

5.3. Um estudo de caso

Apliquemos o método comparativo a um exemplo um tanto mais complexo (embora ainda simplificado) que exemplifica o que temos considerado principalmente mediante uma comparação bastante simplificada das línguas neolatinas. As formas na tabela 5.8 são cognatos entre o finlandês e o húngaro. Essas duas línguas pertencem à família fino-úgrica, mas, porque existem muitas outras línguas nessa família, este exemplo está longe de estar suficientemente completo para oferecer-nos uma perspectiva da protolíngua – as duas são comparadas apenas como uma exemplificação. O

finlandês e o húngaro se separaram há muito tempo, o que explica por que alguns desses cognatos não estão imediatamente reconhecíveis à base de semelhanças superficiais. As duas línguas sofreram muitas mudanças e são bem diferentes atualmente, e precisaríamos de muito mais informação além da que está aqui para reconstruir todos os sons do protofino-úgrico. Portanto, neste exemplo, nos ocuparíamos apenas com os sons iniciais nos conjuntos I a IV e com as consoantes do conjuntos V e VI.

Tabela 5.8: Alguns conjuntos de cognatos fino-úgricos.

		finlandês	húngaro	glosa
Conjunto I:	01.	<i>puu</i>	<i>fɔ</i>	árvore
	02.	<i>pitæ-</i>	<i>fʏ:</i>	guardar
	03.	<i>poika</i>	<i>fiu:</i>	menino
	04.	<i>pesæ</i>	<i>fø:</i>	ninho
	05.	<i>puhu-</i> “falar”, “soprar”	<i>fu:(j)-</i>	soprar
	06.	<i>purki</i>	<i>forr</i>	tempestade de neve
Conjunto II:	07.	<i>tuo-</i>	<i>toj</i>	tomar
	08.	<i>tutka-</i>	<i>tø:(l)dʲ</i>	ponto
	09.	<i>tunte-</i>	<i>tud</i>	saber
	10.	<i>tyvi</i>	<i>tø:</i>	base
	11.	<i>talvi</i>	<i>te:l</i>	inverno
Conjunto III:	12.	<i>kota</i>	<i>ha:z</i>	casa, casebre
	13.	<i>kuole-</i>	<i>hɔl</i>	morrer
	14.	<i>kamara</i>	<i>ha:mlik</i>	pele
	15.	<i>kala</i>	<i>hɔl</i>	peixe
	16.	<i>koi</i>	<i>hɔj-</i>	amanhecer
	17.	<i>kolme</i>	<i>ha:rom</i>	três
	18.	<i>kalin</i>	<i>ha:lo:</i>	rede
	19.	<i>kusi</i>	<i>hu:dʲ</i>	urinar
	20.	<i>kivi</i>	<i>kø:</i>	pedra
Conjunto IV:	21.	<i>keri</i>	<i>ke:reg</i>	casca
	22.	<i>kyynel</i>	<i>kønnj</i>	lágrima
	23.	<i>kæte-</i>	<i>ke:z</i>	mão
	24.	<i>kii-</i> “acasalamento”, “cio”	<i>ke:j</i>	prazer (sexual)
	25.	<i>pato</i> “represa”, “barreira”, “muro”	<i>fɔl</i>	muro
Conjunto V:	26.	<i>ete-</i>	<i>el</i>	antes
	27.	<i>piti-</i>	<i>fel</i>	comprido
	28.	<i>tæytæ-</i>	<i>tel</i>	encher
	29.	<i>løytæ-</i>	<i>lel</i>	encontrar
	30.	<i>kuole-</i>	<i>hɔl</i>	morrer
Conjunto VI:	31.	<i>nuoli</i>	<i>nji:l</i>	flecha
	32.	<i>kala</i>	<i>hɔl</i>	peixe
	33.	<i>liemi</i>	<i>leve-</i>	canja
	34.	<i>lintu</i> “pássaro”	<i>lu:d</i>	ganso

O primeiro passo já foi feito: os cognatos foram reunidos na tabela 5.8. Na segunda etapa, comparamos esse cognatos e estabelecemos as correspondências sonoras. Convém-nos manter um bom registro de tudo o que for investigado, ou por anotar com cada correspondência sonora os números que identificam os conjuntos de cognatos em que se encontra, ou se os números não forem utilizados, então, as próprias glosas. Isso é uma simples questão de registros – uma maneira de podermos voltar e verificar as coisas sem precisar reexaminar todos os dados para identificar os cognatos que exibem a correspondência que nos interesse, algo bastante útil, por exemplo, nas etapas 5 e 6.

Correspondências sonoras presente nos cognatos em tabela 5.8 incluem:

- (1) /p-/ em finlandês : /f-/ em húngaro (em Conjunto I, nos. 1-6)
- (2) /t-/ em finlandês : /t-/ em húngaro (em Conjunto II, nos. 7-11)
- (3) /k-/ em finlandês : /h-/ em húngaro (em Conjunto III, nos. 12-19)
- (4) /k-/ em finlandês : /k-/ em húngaro (em Conjunto IV, nos. 20-24)
- (5) /-t-/ em finlandês : /-l-/ em húngaro (em Conjunto V, nos. 25-29)
- (6) /-l-/ em finlandês : /-l-/ em húngaro (em Conjunto VI, nos. 30-34)

Em etapa 3, procuramos reconstruir os protossosns que acreditamos ser refletidos por cada um desses conjuntos de correspondências. Para CORRESPONDÊNCIA SONORA (1) (/p-/ : /f-/) as nossas opções são: (1) reconstruir **p* e postular que o húngaro o mudou para /f/; (2) reconstruir **f* e pressupor que o finlandês o converteu em /p/; ou (3) reconstruir um segmento diferente (digamos **p^h*) e propor que as duas línguas mudaram, o húngaro de uma maneira para produzir /f/ e o finlandês de outro modo para gerar /p/. Ao aplicar a noção da direção de mudança como uma guia, concluiremos que (1) **p* e (3) (algo como **p^h*), são plausíveis, mas o número 2 (**f*) não é, já que nas mudanças sonoras que se conhecem das línguas do mundo, depreende-se que oclusivas bilabiais surdas ([p], [p^h]) com frequência se transformam em [f], mas é extremamente infrequente encontrar casos em que [f] se torne [p] ou [p^h]. Por serem envolvidas apenas duas línguas nesta comparação, não poderemos aplicar o princípio de “a maioria vence” para ajudar-nos na reconstrução. Conforme a diretriz de reunir traços compartilhados, podemos concluir a partir de /p/ e /f/ que o protossom era surdo e algum tipo de labial, mas isso está consistente com todas as três hipóteses de 1 a 3. Neste caso, portanto, levar em consideração os traços comuns não fornecerá nenhuma base para escolher entre as alternativas. As etapas 4 e 5 contribuirão para resolver quais entre essas possibilidades é a melhor reconstrução, a qual tomaríamos por enquanto ser o número 1, com **p*, fundamentada na direção de mudança e na economia. O princípio de economia nos estimula a postular apenas uma mudança, **p* > /f/ no húngaro, ao contrário de **p^h*, que requer envolver duas mudanças, **p^h* > /p/ em finlandês e **p^h* > /f/ em húngaro.

CORRESPONDÊNCIA SONORA 2 (*t-* : *t-*) parece refletir **t-* (em que nenhuma língua mudou).

CORRESPONDÊNCIA SONORA 3 (*k-* : *h-*) e (4) (*k-* : *k-*) pode representar um desafio.

Em (4), reconstruímos **k-*, já que nenhuma língua mudou. Entretanto, com (3) **k-* também aparenta ser a melhor reconstrução, na base da direção de mudança, porque [k] > [h] é muito frequente e, por isso, será esperado, enquanto uma mudança de [h] > [k] é quase desconhecido por completo. Prosseguimos para a etapa 4 para tentar resolver a dificuldade das *correspondências sonoras parcialmente sobrepostas* (3) e (4). Isso significa que se pudermos demonstrar que as duas correspondências refletem o mesmo som original porque uma das línguas passou por uma mudança condicionada em que esse som mudou em alguns ambientes e não noutros, então, reconstruiremos apenas um único som, o mesmo para os dois conjuntos, explicando a diferença entre eles ao descrevermos as condições sob as quais uma língua mudou de modo que produzisse dois resultados diferentes do único som original. Se não pudermos esclarecer a diferença dessa maneira, então estamos obrigados a reconstruir dois protossoms distintos, um para representar cada uma das duas correspondências sonoras, com o pressuposto de que os dois se fusionaram em /k/ no finlandês. Isso, por conseguinte, requer que examinemos mais de perto os conjuntos de cognatos em questão (os dos conjuntos III e IV na tabela 5.8). Notamos que, nos conjuntos de cognatos do conjunto III, o húngaro apresenta /h-/, que ocorre apenas diante de vogais posteriores (/u/, /o/, /a/), ao mesmo tempo que, nos cognatos do conjunto IV, o húngaro exibe /k/ e esse fonema ocorre apenas diante de vogais anteriores. Concluímos disso que o húngaro tinha um único som ancestral que se converteu em /h/ diante das vogais posteriores (tal como no conjunto III) e permaneceu /k/ quando antes de vogais anteriores (tal como no conjunto IV); reconstruímos **k*. Poder-se-ia perguntar se a protolíngua não tivesse tido **h*, que se tornaria /k/ antes de vogais anteriores no húngaro e em qualquer ambiente no finlandês. Primeiro, a direção de mudança argumenta contra essa possibilidade (por [h] > [k] ser desconhecido essencialmente de forma universal). Segundo, o critério da economia também prega contra essa hipótese, sendo que é mais plausível que tenha havido só uma mudança, **k* > *h* antes de vogais posteriores no húngaro do que imaginarmos que duas mudanças independentes tenham ocorrido, uma de **h* > *k* diante de vogais anteriores no húngaro e outra mudança de **h* > *k* em todos os contextos em finlandês.

Os sons mediais nas CORRESPONDÊNCIAS SONORAS (5) e (6) representam um problema parecido. Já que o húngaro exibe /-l-/ nos dois conjuntos, enquanto o finlandês apresenta /-t-/ em (5), mas /-l-/ em (6), na etapa 4, precisamos identificar se é necessário reconstruir dois sons distintos ou se essas correspondências podem ser juntadas como os resultados do mesmo som

original devido a alguma mudança condicionada no finlandês que produzisse a diferença. Para abreviar a história, que seria mais clara se mais conjuntos de cognatos fossem consultados, procuramos em vão algum fator condicionador pelo qual pudessemos pressupor que um **-l-* ancestral se tornou */-t-/* em finlandês em alguns ambientes, mas permaneceu */-t-/* em outros. Tanto */t/* como */l/* ocorrem em todas as posições (inicial, medial e final) e antes e depois de todas as vogais nos cognatos finlandeses. Conseqüentemente, não temos escolha senão reconstruir dois sons diferentes e selecionamos **t* para (5) e **l* para (6). Tal decisão nos obriga a imaginar que **-t-* e **-l-* mediais se fusionaram em */-l-/* em húngaro.

Voltemos à CORRESPONDÊNCIA SONORA 1 (*/p/* : */f/*) e apliquemos as etapas 5 e 6. Para isso, pressupúnhamos que dispúnhamos na tabela 5.8 de todas as evidências sobre eventuais oclusivas nas comparações de finlandês e húngaro. Nossas reconstruções experimentais baseadas nas correspondências até este ponto nos deram:

- *p* (1) */p-/* finlandês : */f-/* húngaro (em Conjunto I, nos. 1 a 6)
- *t* (2) */t-/* finlandês : */t-/* húngaro (em Conjunto II, nos. 7 a 11)
- *-t-* (5) */-t-/* finlandês : */-l-/* húngaro (em Conjunto V, nos. 25 a 29)
- *k* (diante de vogais posteriores) [*/__V^{post.}*] (3) */k-/* finlandês : */h-/* húngaro (em Conjunto III, nos. 12 a 19)
- *k* (diante de vogais anteriores) [*/__V^{anter.}*] (4) */k-/* finlandês : */k-/* húngaro (em Conjunto IV, nos. 20 a 24)
- *l* (6) */-l-/* finlandês : */-l-/* húngaro (em Conjunto VI, nos. 30 a 34)

Verificamos essas reconstruções na etapa 5 a fim de descobrir o quão plausível o inventário fonêmico resultante (sistema de sons) será se mantivermos esses sons. Uma língua com as oclusivas */p t k/* seria totalmente normal. Se tentássemos reconstruir a possibilidade (3) (algum terceiro som do qual seja possível derivar */p/* e */f/* de forma natural e crível, digamos **p^h*) para o conjunto de correspondências (1), não teríamos mais um inventário fonêmico simétrico e natural (**p *t *k*), mas antes o improvável **p^h *t *k*. Na etapa 5, perceberíamos que essa reconstrução resultaria numa série de oclusivas que não fosse consistente internamente, em que a presença do *p^h* aspirado (sem *p* simples) fosse incongruente com *t* e *k*. Na etapa 6, verificaríamos esse padrão com o intuito de descobrir o grau de proximidade tipológica com o que se sabe dos sistemas sonoros das línguas do mundo. Nessa altura, notaríamos que as línguas com apenas as oclusivas */p^h t k/* são muito raras, enquanto uma maioria significativa de línguas apresentam uma série de oclusivas com */p t k/*. Para a possibilidade (2) (que reconstruiria **f*), a etapa 5 nos indica que uma língua com */f t k/* (mas sem */p/*) tampouco seria tão consistente internamente quanto uma com */p t k/* e, por conseguinte, não constituiria tão boa reconstrução. A etapa 6 nos aponta a mesma conclusão: ao estudar os sistemas

de sons das línguas do mundo, encontraremos pouquíssimas com /f t k/ (e sem /p/), mas centenas com /p t k/. Reunindo todas essas considerações, a direção, a economia, a consistência interna e o realismo tipológico, chegamos à conclusão que a reconstrução de **p* é a melhor reconstrução entre as alternativas para a CORRESPONDÊNCIA SONORA (1). Por sua vez, poderíamos aplicar as etapas 5 e 6 às outras reconstruções, **t* e **k*; descobriríamos que elas eram confirmadas. Depararíamos que a eventual alternativa com **h* para as CORRESPONDÊNCIAS SONORAS (3) e (4), que tivéssemos podido considerar, teria sido inconsistente por motivos internos e tipológicos, sem mencionar contrária ao princípio de economia e à direção de mudança reconhecida.

5.4. O indo-europeu e a regularidade da mudança sonora

O desenvolvimento da linguística histórica está associado estreitamente à investigação do indo-europeu. A *lei de Grimm*, a *lei de Grassmann* e a *lei de Verner* representam monumentos importantes na história do indo-europeu e, portanto, para a linguística histórica também e, tradicionalmente, todos os linguistas tinham que aprender essas leis – de fato, o conhecimento delas ajuda em (e alguns diriam que é essencial para) compreender o método comparativo e a hipótese da regularidade. (Essas leis foram consideradas de forma preliminar no capítulo 2.) Nesta seção, cada lei será examinada individualmente e o desenvolvimento da asseveração de que a mudança sonora é regular, que se baseia nessas regras, será considerado.

5.4.1. A Lei de Grimm

As formas da Tabela 5.9 exemplificam a Lei de Grimm, uma série de mudanças que afetaram as oclusivas entre o protoindo-europeu e o protogermânico:

oclusivas surdas (/p t k/) > fricativas surdas (/f θ h (x)/)
oclusivas sonoras (/b d g/) > oclusivas surdas (/p t k/)
oclusivas sonoras aspiradas (/b^h d^h g^h/) > oclusivas sonoras simples (/b d g/)

(Não todas as oclusivas estão incluídas na tabela 5.9) Na tabela 5.9, as formas góticas, inglesas [e alemãs] representam os resultados dessas mudanças no germânico, enquanto as formas sânscritas, gregas e latinas refletem, em sua maioria, as oclusivas indo-europeias inalteradas; ou seja, [aquelas línguas que] não passaram pelos [processos envolvidos na] lei de Grimm, [diferentemente do que] foi o caso com as formas germânicas.

Tabela 5.9: Cognatos indo-europeus que refletem a Lei de Grimm

Conjunto Ia: *p > f					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>pad-</i>	<i>pod-</i>	<i>ped-</i>	<i>fōtus</i>	<i>foot</i>	<i>Fuss</i>
<i>pánča</i> [ˈpaɳca]	<i>pénte</i>	(<i>quínque</i> [ˈkʷiːnkʷe])	<i>fimf</i>	<i>five</i> [fajv] (ingl. ant., <i>fif</i>)	<i>fünf</i> [fʏnf]
<i>pra-</i>	<i>pro-</i>	<i>pro-</i>	<i>fra-</i>	<i>fro</i>	<i>vor</i>
<i>pū-</i> “clarear, “fazer luzir”	<i>pur</i>	<i>pūrus</i> “puro”	(ingl. ant., <i>fȳr</i> “fogo”)	<i>fire</i>	<i>Feuer</i> [føjəR]
<i>pitār-</i>	<i>patēr</i>	<i>pater</i>	<i>fadar</i> [ˈfaðar]	<i>father</i> (< ingl. ant., <i>fæder</i>)	<i>Vater</i> [fater]
<i>nápāt-</i> “descendente”		<i>nepōs</i> “neto”, sobrinho”	(AAA, <i>nefo</i>)	<i>nephew</i> (ingl. ant., <i>nefa</i>)	<i>Neffe</i> “sobrinho”
Conjunto Ib: *t > θ					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>trī-/tráyas</i>	<i>treĩs/tría</i>	<i>trēs</i>	<i>prija</i>	<i>three</i>	<i>drei</i> [draj]
<i>tv-am</i>	<i>tū</i> (dórico)	<i>tu-am</i>	<i>pū</i>	<i>thou</i>	<i>du</i>
<i>-ti-</i> <i>gátis</i> “passo”, “jeito de andar”	<i>-tis/-sis</i> <i>básis</i> “o ir”	<i>-tis</i> <i>mor-tis</i> “a morte”		<i>-th</i> ‘sufixo nominalizador’ (<i>heal</i> → <i>health</i> , <i>true</i> → <i>truth</i> , <i>born</i> → <i>birth</i> , <i>die</i> → <i>death</i>)	
Conjunto Ic: *k > (x) h					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>śván-</i> [ʃvən-]	<i>kúōn</i>	<i>canis</i> [kanis]	<i>hunds</i>	<i>hound</i>	<i>Hund</i>
<i>śatám</i> [ʃatám]	(<i>he-</i>) <i>katón</i>	<i>centum</i> [kentum]	<i>hunda</i> (pl.)	<i>hundred</i>	<i>Hundert</i>
<i>kravis</i> “carne nua”	<i>kré(w)as</i> “carne”	<i>cruor</i> “cru”, “sangue”, “consistente”		<i>raw</i> (< ingl. ant., <i>hraw</i> “cadáver”)	
<i>dása</i> [dásə]	<i>déka</i>	<i>decem</i> [dékem]	<i>taihun</i> [texun]	<i>ten</i>	<i>zehn</i> [tse:n]
Conjunto IIa: *b > p (*b era muito infrequente no protoindo-europeu e muitos duvidam que fizesse parte do sistema de sons. Algumas palavras lituanas exemplificam esse segmento na ausência de cognatos nas outras línguas.)					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
		lit., <i>dubūs</i>	<i>diups</i>	<i>deep</i> [di:p] (< ingl. ant., <i>dēop</i>)	<i>tief</i> [ti:f]
	<i>kánnabis</i>	lit., <i>kanapēs</i>		<i>hemp</i> (empréstimo?)	<i>Hempfl</i>
		lat., <i>lūbricus</i>	<i>sliupan</i>	<i>slip</i>	<i>schlafen</i>
Conjunto IIb: *d > t					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>d(u)vā-</i>	<i>dúo/dúō</i>	<i>duo</i>	<i>twái</i> [twē]	<i>two</i> [tu]	<i>zwei</i> [tsvaj]
<i>dánt-</i>	<i>odónt-</i>	<i>dent-</i>	<i>tunþus</i>	<i>tooth</i>	<i>Zahne</i> [tsa:nə]
<i>dása</i> [dásə]	<i>déka</i>	<i>decem</i> [dékem]	<i>taihun</i> [texun]	<i>ten</i>	<i>zehn</i> [tse:n]
<i>pad-</i>	<i>pod-</i>	<i>ped-</i>	<i>fōtus</i>	<i>foot</i>	<i>Fuss</i>
<i>ad-</i> “comer”	<i>édō</i> “como”	<i>edō</i> “como”		<i>eat</i> (< ingl. ant. <i>etan</i>)	<i>essen</i>
<i>véda</i> “sei”	<i>woīda</i> “sei”	<i>videō</i> “veja”	<i>wáit</i> [wēt] “sei”	<i>wit</i> “agudeza”, “inteligência” (< ingl. ant., <i>witan</i> “saber”)	<i>weiss</i> “sei”, <i>wissen</i> “saber”
conjunto IIc: *g > k					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>jánás</i>	<i>génos</i>	<i>genus</i>	<i>kun-i</i> “raça, tribo”	<i>kin</i>	

<i>jánu-</i>	<i>gónu</i>	<i>genū</i>	<i>kniu</i>	<i>knee</i> [ni:]	<i>Knee</i> [kne:]
<i>jnātá</i>	<i>gnōtós</i>	<i>(g)nōtus</i>	<i>kunnan</i> “conhecer”	<i>known</i> “sabido, conhecido”	<i>kennen</i> “conhecer”
<i>ájra-</i> “país”, “região”	<i>agrós</i> “terra não cultivada”	<i>ager</i> “terra cultivada”	<i>akrs</i> “campo”	<i>acre</i> “medida de terra” (< ingl. ant., <i>acre</i> “campo”)	<i>Aker</i> “campo”
<i>mṛj-</i> “ordenhar”	<i>(a-)mélgō</i> “exprimo”	<i>mulgeō</i> “ordenho”	<i>miluk-s</i> “leite”	<i>milk</i> “leite”	<i>Milch</i>
Conjunto IIIa: *bh > b					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>bhar-</i>	<i>phér-</i>	<i>fer-</i>	<i>bair-an</i> [beran] “levar”, “carregar”	<i>bear</i>	
<i>bhrātar</i>	<i>phrātēr</i>	<i>frāter</i>	<i>brōþar</i>	<i>brother</i>	<i>Bruder</i>
<i>a-bhū-t</i> “foi”	<i>é-phu</i> “eu produzi”	<i>fu-it</i> “foi”	<i>bau-an</i> “morar, habitar”	<i>be</i> “ser”	<i>bau-en</i> “construir”
Conjunto IIIb: *dh > d					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>dhā-</i> “por, colocar”	<i>ti-thē-mi</i> “pus, coloquei”	<i>fē-cī</i> “fiz”		<i>do</i> (< ingl. ant., <i>dō-</i> <i>n</i>) “fazer”	<i>tun</i>
<i>dhraṣṇōti</i> “ousa”	<i>thrasús</i> “atrevido”, “corajoso”	<i>(fest-)</i>	<i>(ga-)dars</i> “ousa”	<i>dare</i> (< ingl. ant., <i>dear(r)</i> “ousa”)	
<i>dvār-</i>	<i>thūr-a</i>	<i>for-ēs</i>	<i>daúr-</i> [dor-]	<i>door</i>	<i>Tur</i>
<i>vidhāvā</i>	<i>ē-withewos</i> “jovem solteiro”	<i>vidua</i>	<i>widuwō</i>	<i>widow</i> “viúva”	<i>Witwe</i>
<i>mádhu</i>	<i>méthu</i>			<i>mead</i> “hidromel”	
<i>madhya-</i>	<i>mésos</i>	<i>medius</i>	<i>midjis</i>	<i>mid</i> “meio”	<i>Mitte</i>
Conjunto IIIc: *gh > g					
sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
<i>ham-á-</i> “cisne, ganso”	<i>khēn</i>	<i>āns-er</i>		<i>goose</i>	<i>Gans</i>
<i>stigh-</i> “passo”	<i>steikhō</i> “passeio”		<i>steigan</i> [stīgan] “escalar”	<i>(stīle)</i>	<i>steigen</i> [ʃtaɪgən]
<i>vah-</i> “portar”, “carregar”	<i>wókh-os</i> “carro”	<i>veh-ō</i> “carrego”	<i>ga-wig-an</i> “mover, sacudir”	<i>weigh</i> “pesar”, <i>wain</i> “carro, carroça”	<i>wiegen</i> “pesar”, <i>Wagen</i> “carro, carroça”

A lei de Grimm incorpora correspondências sistemáticas entre as línguas germânicas e as não germânicas, os resultados de mudanças sonoras regulares no germânico. Assim, de modo a exemplificar, decorrente da mudança **p > f* nos exemplos no conjunto Ia da tabela 5.9, o gótico e o inglês (os representantes das línguas germânicas) exibem o reflexo /f/ que corresponde a /p/ em sânscrito, grego e latim (os representantes das línguas não germânicas), todos os quais descendem de **p* protoindo-europeu. Apesar da lei de Grimm explicar todas as correspondências sistemáticas apresentadas na tabela 5.9, as mesmas não estão sem nenhuma exceção. Entretanto, como se verá, todas essas exceções podem ser explicadas de forma satisfatória. Um conjunto de formas que parecem excepcionais quanto à lei de Grimm envolve oclusivas em encontros de consoantes, que

exemplificamos na tabela 5.10 (uma forma do alto alemão antigo (AAA) é substituído quando não existe nenhum cognato gótico.)

Tabela 5.10: Exceções à lei de Grimm em encontros consonantais

	sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
1.	<i>pás-</i>	[<i>skep-</i>]	<i>spec-</i>	(AAA, <i>speh-</i>)	<i>spy</i> (?)	<i>spähen</i>
2.	(<i>ṣṭhiv-</i>)	<i>pū-</i>	<i>spu-</i>	<i>speiw-an</i> [spi:w+an] “cuspir”	<i>spew</i> [spju] “vomitar”	
3.	<i>aṣṭáu</i> [əṣʰʌ:u]	<i>oktō</i>	<i>octō</i>	<i>ahtáu</i> [axtau]	<i>eight</i> [ejt]	<i>acht</i> [axt]
4.	<i>nákt-</i>	<i>nukt-</i>	<i>noct-</i>	<i>nahts</i> [naxt-s]	<i>night</i> [najt]	<i>Nacht</i> [naxt]
5.			<i>capt(-ivus)</i>	(<i>haft-s</i>)	ingl. ant., <i>hæft</i> “prisioneiro”	<i>Haft</i> “prisão”, “preso”
6.	<i>-ti- gátis</i> “passo, jeito de andar”	<i>-ti-, -si- básis</i> “o ir”	<i>-ti- mor-tis</i> “morte”		<i>-t, -th</i> “sufixo nominalizador” (<i>thrive</i> → <i>thrift</i> , <i>draw</i> → <i>draught, thirst</i> , <i>fly</i> → <i>flight</i> , <i>drive</i> → <i>drift</i>)	<i>tragen</i> → <i>Tracht, dursten</i> → <i>Durst, fliegen</i> → <i>Flucht</i> ,
7.			<i>piscis</i> [piskis]	<i>fisk-s</i>	<i>fish</i> (< ingl. ant., <i>fisc</i>)	<i>Fisch</i>

Nessas formas, pela Lei de Grimm, correspondente ao /p/ em (1) e (2) do sânscrito, grego e latim, esperamos encontrar /f/ em gótico, inglês e alemão, não o /p/ que observamos (e [indo na direção inversa,] dado o /p/ no gótico, inglês e alemão, línguas germânicas, anteciparíamos que a correspondência em sânscrito, grego e latim fosse /b/ e não o /p/ que constatamos.) Em (3) a (6), esperamos achar /θ/ em gótico e inglês [em alemão, *θ pr-gmc. > /d/] e não o /t/ com que deparamos, o qual corresponde a /t/ em sânscrito, grego e latim [e não /d/ que a Lei de Grimm prevê]. Finalmente, em (7), anteciparíamos que o /k/ latino correspondesse a /x/ germânico, não a /k/ do gótico e [o descendente da sequência /sk/ em inglês e alemão, ou seja, /f/] no conjunto de cognatos. Essas exceções se explicam pelo fato de que a Lei de Grimm foi, na realidade, uma mudança condicionada: não ocorreu depois de fricativas (**sp-* > /sp/, ≠ **/sf/) ou depois de oclusivas (**kt* > xt, ≠ **/xθ/; o **k*, o primeiro elemento do encontro consonantal se torna /x/, como se esperaria, mas o **t*, o segundo elemento, não muda). No caso de (6), a diferença entre *thrift*, *draught*, *thirst*, *drift* na tabela 5.10 e *health*, *truth*, *birth*, *death* na tabela 5.9 se explica da mesma maneira. As formas com /θ/ (as da tabela 5.10) participaram da Lei de Grimm; as formas com /t/ (as da tabela 5.9) foram excluídas da zona operacional da Lei de Grimm porque o **t* original seguia uma fricativa (o dígrafo *-gh-* em *flight*, *draught* representava [x] antigamente, que foi elidido posteriormente). Portanto, quando a Lei de Grimm está expressa plena e corretamente – formulada de modo a excluir as oclusivas quando seguiam fricativas e outras oclusivas quando eram o segundo elemento em grupos de consoantes, dado que esse ambiente não entrou na mudança – percebe-se

que as oclusivas nos encontros de consoantes, na verdade, não constituem exceções à mudança sonora.

5.4.2 A Lei de Grassmann

Outro conjunto de formas que pareciam excepcionais à Lei de Grimm anteriormente é elucidado pela Lei de Grassmann (que já foi apresentada em capítulo 2). Em grego e sânscrito, a Lei de Grassmann dissimulava de forma regular a primeira de duas oclusivas aspiradas na mesma palavra de modo que a primeira perdia sua aspiração, tal como se nota na mudança de **dhi-dhē-mi* “pus”, “coloquei” do protoindo-europeu (em que ocorre a reduplicação da raiz *dhē-*) para *da-dhā-mi* em sânscrito e *ti-thē-mi* em grego antigo. Como consequência da operação da lei de Grassmann, algumas correspondências sonoras entre o sânscrito e o grego e as línguas germânicas não se conformam às formas previstas pela Lei de Grimm, como, por exemplo, nos cognatos seguintes:

sânscrito	grego	gótico	inglês	
<i>bōdha</i>	<i>peutha</i>	<i>biud-an</i>	<i>bid</i>	“despertar”, “acordar-se”, “tomar ciência” (cf. Buda “o acordado”, “aquele que despertou”)
<i>bandha</i>		<i>bind-an</i>	<i>bind</i>	“amarrar”

A primeira palavra é de **bheudha-* em protoindo-europeu, a segunda advém de **bhendh-*. Ambas sofreram dissimilação do primeiro **bh-* por causa da presença da segunda oclusiva aspirada na palavra (**dh*, nesse caso). Esse processo produz a CORRESPONDÊNCIA SONORA em (1):

(1) sânscrito *b* : grego *p* : gótico *b* : inglês *b*

De acordo com a Lei de Grimm, esperamos que o/b/ do sânscrito corresponda a /p/ no germânico (o gótico e o inglês, nesse caso), e antecipamos que o /b/ do ramo germânico corresponda a /bh/ em sânscrito e /ph/ em grego antigo. Consequentemente, a correspondência sonora (1) nesses conjuntos de cognatos parece ser uma exceção à Lei de Grimm. Entretanto, os conjuntos de cognatos que contêm a CORRESPONDÊNCIA SONORA (1) (e ainda outros conjuntos que contenham as oclusivas originalmente aspiradas em outros pontos de articulação), não constituem exceções verdadeiras à Lei de Grimm. Antes disso, os reflexos no germânico são corretos quanto à predição da Lei de Grimm e os reflexos do sânscrito e do grego antigo não representam as formas previstas pela Lei de Grimm apenas porque a Lei de Grassmann regularmente causava a desaspiração da primeira oclusiva aspirada que ocorria antes de outra oclusiva aspirada na mesma palavra nessas línguas. Isso significa que a CORRESPONDÊNCIA SONORA (1) – tal como outras semelhantes noutros pontos de

articulação – é o resultado de mudanças regulares: a Lei de Grimm n[as línguas do ramo germânico e a Lei de Grassmann no sânscrito [que pertence ao ramo indo-iraniano do PIE] e no grego [membro único do ramo helênico].

5.4.3 A Lei de Verner

Um último conjunto do que pareciam exceções à Lei de Grimm é explicado pela Lei de Verner (também conhecido como a *alternância gramatical* em fontes mais antigas; vide o capítulo 2). Algumas formas que exemplificam a Lei de Verner estão nos conjuntos de cognatos da Tabela 5.11 (I.A. = inglês antigo, A.A.A. = alto alemão antigo).

	sânscrito	grego	latim	gótico	inglês	alemão
1.	<i>saptá</i>	<i>heptá</i>	<i>septem</i>	<i>sibun</i> [siβun]	<i>seven</i> [sevŋ]	<i>sieben</i> [zi:bən]
2.	<i>pitár-</i>	<i>patér</i>	<i>pater</i>	<i>fadar</i> [faðar]	(I.A.) <i>fæder</i> “pai”	<i>Vater</i> [fatɛʁ]
3.	<i>śatám</i> [ʃətəm]	<i>(he-)katón</i>	<i>centum</i> [kentum]	<i>hunda</i> (pl.)	<i>hundred</i> [hʌndrɛd]	<i>hundert</i> [hʊndɛʁt]
4.	<i>śrutás</i> “ouvido” (participio.)	<i>klutós</i> “ouvido” (participio)			(I.A.) <i>hlud</i> [hlu:d] “[som] alto”	<i>Laut</i> “som”
5.		<i>makrós</i> “comprido”, “estreito”	<i>macer</i> [maker]	(A.A.A.) <i>magar</i>	<i>meager</i> [mijgə]	

No conjunto de cognatos (1), conforme a Lei de Grimm esperamos que o /p/ do sânscrito, grego e latim corresponda a /f/ nas línguas germânicas (gótico, inglês, alemão), mas em lugar disso constatamos *b* [β] em gótico, *b* [b] em alemão e [v] em inglês; dado o *b* do gótico, anteciparíamos que a correspondência em sânscrito fosse *bh* e em grego *ph*. Igualmente, nos conjuntos de cognatos 2 a 4, deparamos com a correspondência de /t/ em sânscrito, grego e latim com /d/ no ramo germânico, não o /θ/ previsto pela Lei de Grimm para as línguas germânicas (em vez de /d^h/ sânscrito e /t^h/ grego que se esperaria, devido ao /d/ germânico. Essas aparentes exceções à Lei de Grimm são esclarecidas pela Lei de Verner. A Lei de Verner afeta as consoantes mediais: quando o acento protoindo-europeu as seguia, oclusivas e fricativas surdas mediais (simples) numa raiz foram sonorizadas no germânico; caso contrário (ou seja, quando o acento precedia a consoante ou quando o som estava em início de palavra), a Lei de Grimm se aplicava. Porque, mais tarde, no protogermânico, o acento foi deslocado para a primeira sílaba da raiz lexical, a situação anterior do posicionamento do acento só pode ser identificada quando os cognatos das línguas não germânicas são comparados. Assim, nos conjuntos de cognatos da tabela 5.11, apreendemos nos cognatos sânscritos e gregos que o acento não está na sílaba inicial da raiz, mas recai numa sílaba posterior,

depois do som que mudou, e depreendemos que as formas germânicas não se conformam às expectativas baseadas na Lei de Grimm nesse caso. Em (1), não se esperaria *sibun* em gótico, mas antes algo como *sifun*, dado o /p/ de *saptá* em sânscrito e *heptá* em grego. Entretanto, como o acento recai na última sílaba das formas gregas e sânscritas, a Lei de Verner gera *b* [β] em gótico neste caso. As formas da tabela 5.12 exemplificam como as formas com o acento mais para o final da palavra (que são afetadas pela Lei de Verner, representada por ...C...') contrastam com as formas nas quais o acento está antes do som em questão (que expressamos como '...C...', os casos que sofrem a Lei de Grimm).

Tabela 5.12: Exemplos que contrastam os efeitos da Lei de Grimm e da Lei de Verner nas consoantes mediais

Lei de Grimm		Lei de Verner	
'...C...'		...C...'	
<i>*p > f</i>		<i>*p > b</i> [β]	
1a.	ingl. ant., <i>hēafod</i> ['hæ:avod] “cabeça” lat., <i>caput</i> ['kaput]	1b.	gót., <i>sibun</i> ['siβun] “sete” sâns., <i>saptá-</i>
<i>*t > θ</i>		<i>*t > d</i> [ð]	
2a.	gót., <i>brōþar</i> ['bro:θar] “irmão” sâns., <i>bhrātar-</i> ['b ^h ra:tar-]	2b.	ingl. ant., <i>fæder</i> “pai” sâns., <i>pitár-</i>
<i>*k > x</i>		<i>*k > g</i> [ɣ]	
3a.	gót., <i>taihun</i> ['tɛxun] “dez” gr., <i>déka</i> ['deka]	3b.	gót., <i>tigus</i> “década” gr., <i>dekás</i>

É fácil entender por que a Lei de Verner já foi denominada com frequência “alternância gramatical” (*grammatischer Wechsel*, em alemão). O acento em protoindo-europeu recaía em sílabas diferentes em certas formas gramaticalmente relacionadas, como se pode observar nas formas comparadas na tabela 5.13 (PIE = protoindo-europeu, pr.gmc = protogermânico). Como consequência da operação da Lei de Verner, as línguas germânicas exibem alomorfes diferentes nos paradigmas gramaticais que dependam de se a Lei de Verner se aplicou ou não e essas alternâncias gramaticais fundamentam ainda mais a Lei de Verner e sua correlação com a posição do acento na protolíngua.

5.13: A lei de Verner em alternâncias gramaticais

	“eu me torno”	“eu me tornou”	“nós nos tornamos”	“tornado” (particípio)
P.I.E.	*wértō	*(we)wórtā	*(we)wṛtāmé	*wṛtomós
sânscrito	vártāmi “eu me viro”	va-várta “eu me virei”	vavṛtimá “nós nos viramos”	vṛtānāḥ “virado”
protogermânico	*werθō	*warθa	*wurðum(i)	*wurðan(a)z
inglês antigo	weorþe	warþ	wurdon	worden
alto alemão antigo	wirdu	ward	wurtum	wortan

Tal como previsto pela Lei de Grimm, as formas do inglês antigo nas duas primeiras colunas exibem /θ/ (escrito *þ*), onde o acento no protoindo-europeu precedia o **t* original (tal como as formas sânscritas exemplificam). Entretanto, nas duas últimas colunas, o inglês antigo não exibe o /θ/ antecipado pela Lei de Grimm, mas o /d/ da Lei de Verner, porque o acento PIE recaía depois do **t* do protoindo-europeu, novamente exemplificado pelo sânscrito. As formas do alto alemão antigo sofreram subsequentemente outras mudanças próprias, mas a diferença entre as com /d/ e as com /t/ é originária da Lei de Verner, tal como no caso das alternâncias observadas nos cognatos ingleses. A variação alomórfica que resultou, tal como aquela que se vê, por exemplo, no paradigma verbal da tabela 5.13, serve de ilustração da “alternância gramatical” que a Lei de Verner provoca.

Deste modo, os casos da Lei de Verner (como nas tabelas 5.11, 5.12 e 5.13), que pareciam originalmente ser exceções à Lei de Grimm, acabam revelados como sendo explicáveis por mudanças sonoras regulares – pela Lei de Verner, uma mudança condicionada pela posição do acento numa fase anterior da língua.

5.4.4 As leis sonoras indo-europeias e a regularidade da mudança sonora

As leis que acabamos de apresentar tiveram um papel importante na história dos estudos indo-europeus e como consequência disso na história geral da linguística histórica. A lei de Grimm, que foi a primeira a ser publicada (em 1822), era razoavelmente geral e explicava a maioria das correspondências sonoras que envolviam a série de oclusivas entre as línguas germânicas e não germânicas. No entanto, tal como era formulada inicialmente, a lei parecia admitir exceções. Quando Hermann Grassmann descobriu sua lei (em 1862), um conjunto significativo dessas “exceções” foi explicado, e, depois, Karl Verner, pela lei que recebeu seu nome, explicou a maioria das exceções restantes (em 1877). Esse sucesso em elucidar as formas que tinham parecido ser exceções originalmente, levou os Neogramáticos à confiança de propor que a mudança sonora era regular e sem exceções (vide o capítulo 2). Essa foi uma das conclusões mais relevantes na história da linguística.

5.5 Pressupostos básicos do Método Comparativo

Os elementos que os manuais costumam chamar os “pressupostos básicos” do método comparativo poderiam ser considerados melhor como as consequências de como reconstruímos e de como concebemos a mudança linguística. Em geral, os seguintes quatro pressupostos fundamentais são apresentados.

(1) A protolíngua era uniforme, sem variação dialetal (ou social). Evidentemente, esse pressuposto é contrário aos fatos, dado que todas as línguas já conhecidas abarcam variação social e regional, estilos diferentes, e assim adiante. Não é bem o caso de que o método comparativo “pressuponha” a ausência da variação, antes disso, é que o método comparativo não incorpora nada que permita tratar a variação de forma direta. Isso significa que o que for reconstruído não conseguirá recuperar a protolíngua falada antigamente inteiramente. Ainda assim, em lugar de enfatizar o que está faltando, podemos contentar-nos com o fato do método fornecer um meio para reconstituir tanto da língua original. Esse pressuposto da uniformidade é uma idealização razoável. Não implica maior prejuízo para a compreensão da língua do que, digamos, as gramáticas de referência modernas que focam na estrutura geral de uma língua, tipicamente omitindo de mencionar a variação regional, social e estilística. Além disso, as diferenças dialetais não são ignoradas sempre pelas considerações comparadas e as reconstruções, já que, em alguns casos, os estudiosos reconstróem diferenças dialetais na protolíngua à base de diferenças nas línguas filhas que não se deixam reconciliar facilmente com um único ponto de partida uniforme. Isso, porém, não é uma prática comum fora do âmbito dos estudos indo-europeus.

Os pressupostos 2 e 3 estão relacionados, de modo que convém tratar deles juntos.

- (2) As separações de línguas ocorrem subitamente.
- (3) Após a separação da protolíngua, não ocorre nenhum contato subsequente entre as línguas aparentadas [que resultam da fissão].

Esses dois pressupostos decorrem do fato do método comparativo tratar diretamente apenas do material nas línguas aparentadas que tenha sido herdado da protolíngua e não dispor de nenhum meio próprio para lidar com os empréstimos, os resultados de contatos subsequentes depois da diversificação em línguas diferentes. O tomar emprestado e os efeitos de contatos linguísticos posteriores não são negligenciados, entretanto, nas reconstruções. Em vez disso, estamos obrigados a recorrer a outras técnicas que não integrem formalmente o método comparativo de modo a tratar dos empréstimos e os resultados do contato linguístico (vide os capítulos 3, 7 e 12). É verdade que o método comparativo não contém nenhuma maneira de determinar se a língua de alguma comunidade de fala divergia gradualmente durante um longo período antes de que línguas aparentadas, embora, na última instância, distintas, surgissem, ou se uma divisão súbita ocorreu na qual uma parte da comunidade migrou tão longe que não houve nenhum contato subsequente entre as duas partes da comunidade original, o que resultaria numa ruptura abrupta e

nenhum contato posterior entre os dois grupos. (É melhor considerar os pressupostos 2 e 3 como as consequências do modelo da árvore genealógica para classificar línguas aparentadas, de que tratamos nos capítulos 6 e 7, na medida em que o diagrama arbóreo representa a língua mãe fissionando-se de maneira abrupta em suas filhas.)

- (4) A mudança sonora é regular. A presunção da regularidade é de grande valor para a aplicação do método comparativo. Saber que um som muda de modo regular nós dá a confiança de reconstruir como o som era na língua mãe de onde vem. Se um som pudesse mudar em maneiras irrestritas e imprevisíveis, não poderíamos identificar a partir de determinado som em certa língua como teria sido na língua ancestral, ou, ao estudarmos um som particular na língua mãe, não conseguiríamos identificar quais seus reflexos poderiam ser nas suas línguas filhas. Isso quer dizer, por exemplo, que um **p* original na protolíngua poderia se tornar /f/ de forma arbitrária e sem nenhum motivo em algumas palavras, /y/ em outras e /q'/ em ainda outras, e assim adiante, nas mesmas circunstâncias fonéticas e sob outras situações linguísticas. Em tal situação, comparar, digamos, um /p/ em uma língua com um /p/ em outra língua aparentada não adiantaria nada, se o /p/ em cada uma das línguas pudesse ter surgido de forma imprevisível de diversos sons diferentes.

5.6 Qual a realidade das protolínguas reconstruídas?

O sucesso de qualquer reconstrução específica depende do material que esteja disponível para ser manipulado e da habilidade do linguista comparativista para desvendar o que teria acontecido na história das línguas que são comparadas. Nos casos em que as línguas filhas preservam evidências claras do que a língua mãe exibia, uma reconstrução pode ser muito bem sucedida, seguindo de perto a verdadeira língua ancestral falada da qual as filhas comparadas descendem. No entanto, existem muito casos em que as línguas filhas perdem ou fusionam sons que contrastavam antigamente, ou elas eliminam alternâncias anteriores pela analogia, ou perdem-se categorias morfológicas devido a mudanças de diversos tipos. Não podemos recuperar fatos sobre a protolíngua pelo método comparativo se as filhas simplesmente não preservam nenhuma evidência de que tenham existido. Nos casos em que a evidência é severamente restrita ou pouco clara, com frequência, cometem-se erros. Infere-se da melhor maneira que puder, à base da evidência disponível e fundamentando-se em tudo o que se sabe da natureza da linguagem humana e da mudança linguística. Tentamos fazer o melhor que nos permitir os dados dos quais dispormos. Com frequência, os resultados são muito bons; outras vezes, estão menos completos. Em geral, quanto

mais tempo houver desde a separação da protolíngua, tanto maior o número de mudanças linguísticas que terão acumulado e tanto mais difícil ficará reconstruir com sucesso total.

A comparação do protorromance reconstruído com o latim atestado constitui um exemplo marcante desse caso. Conseguimos recuperar bastante da língua falada antigamente pelo método comparativo. Entretanto, as línguas românicas modernas, em sua maioria, preservam pouco dos antigos casos nominais e da complexa morfologia verbal aspecto-temporal que o latim exibiu. Mudanças subsequentes borraram tanto essa morfologia flexional que muito não está reconstruível pelo método comparativo.